



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

ROBSON LUIZ DE SOUZA CRUZ

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL DO SUDESTE DO PARÁ:
Formas de aprender e ensinar nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino
Fundamental**

**MARABÁ-PA
2021**

ROBSON LUIZ DE SOUZA CRUZ

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL DO SUDESTE DO PARÁ:
Formas de aprender e ensinar nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino
Fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Penalva

**MARABÁ-PA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho

C957I Cruz, Robson Luiz de Souza

Literatura e identidade cultural do sudeste do Pará : formas de aprender e ensinar nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental / Robson Luiz de Souza Cruz. — 2021.

106 f. : il. color.

Orientador(a): Gilson Penalva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2021.

1. Literatura - Estudo e ensino - Marabá (PA). 2. Literatura - Amazônia. 3. Literatura - Pará, Sudeste. 4. Ensino - Metodologia. I. Penalva, Gilson, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 807

Elaborado por Alessandra Helena da Mata Nunes – CRB-2/586

ROBSON LUIZ DE SOUZA CRUZ

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL DO SUDESTE DO PARÁ:
Formas de aprender e ensinar nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino
Fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras.

Data de aprovação: Marabá (PA), _____ de _____ de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Doutor Gilson Penalva
Orientador

Profa. Doutora Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli
Examinadora Interna

Profa. Doutora Liozina Kauana de Carvalho Penalva
Examinadora Externa

Dedico este trabalho a minha mãe Margareth Clivia S. Cruz que não mediu esforços, passando noites em claro numa máquina de costura, para que eu e minha irmã pudéssemos estudar e termos um futuro melhor.

Ao meu orientador e amigo Prof. Gilson Penalva, do qual sou um grande admirador do seu trabalho desde os tempo de UFPA. A minha esposa Cristiane Leitão pelo incentivo e compreensão nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho contou com a colaboração de diversas pessoas, entre as quais merecem nosso apreço e agradecimento:

Os professores que proporcionaram aumentar meu conhecimento e com isso concluir este projeto.

Aos meus pais pela força e incentivo em toda a minha existência.

Aos amigos que conheci no decorrer do curso, amizade que levarei para a vida toda.

Ao PROFLETRAS por me possibilitar realizar esse sonho, e principalmente a Deus por me agraciar com mais essa benção.

“O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Partindo do princípio de que a literatura produzida na região Sudeste do Pará é rica em material cultural, mas pouco ou quase nunca explorada dentro do ambiente escolar, em virtude talvez da falta de políticas públicas de incentivo e de uma proposta pedagógica que a contemple, tomamos a iniciativa de pesquisar alguns textos literários produzidos nessa região da Amazônia brasileira, discutindo sobretudo o seu papel na construção da identidade cultural dessa região, sugerindo ações, estratégias e metodologias de ensino que visem inseri-los nas aulas de Língua portuguesa das escolas da rede pública do município de Marabá, por entendermos se tratar de fontes indispensáveis de material didático, informativo e histórico. Essa proposta tem servido para aproximar os educandos de uma literatura que narra fatos da sua cultura, costumes e tradições, despertando-lhes a noção de pertencimento e de como os processos migratórios influenciaram a sua formação cultural. Para tanto, realizou-se então uma pesquisa de caráter bibliográfico, sustentada por bases teóricas que versam sobre literatura, cultura, identidade e letramento, com o apoio dos estudos de: Cândido (2002/2006), Compagnon (2009), Cosson (2018), Laraia (2009), Soares (2009), Street (2014), Bhabha (2003), Hall (2004), entre outros que discutem sobre os temas que nortearam este trabalho. Diante disso, podemos verificar que esse processo ao qual referimos, não vem sendo trabalhado de forma efetiva em sala de aula, haja vista que a literatura escolarizada sempre teve como foco principal, a formação do leitor a partir de um padrão de texto literário clássico, canônico, desmerecendo toda uma produção literária e cultural que expressam o jeito de ser e as formas de vida de determinados sujeitos e lugares. Assim sendo, compete ao professor procurar formas de aproximar o texto literário produzido nessa região ao aluno, visando um ensino mais contextualizado, que desperte seu senso crítico, fazendo sentido em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura; Região Sudeste do Pará; Formação cultural; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Assuming that the literature produced in the southeast region of Pará is rich in cultural material, but little or almost never explored within the school environment, perhaps due to the lack of public incentive policies and a pedagogical proposal that contemplates it, we take the initiative to research some literary texts produced in this region of the Brazilian Amazon, mainly discussing their role in the construction of the cultural identity of this region, suggesting actions, strategies and teaching methodologies that aim to insert them in Portuguese language classes in public schools in the municipality of Marabá, as we understand that they are indispensable sources of educational, informative and historical material. This proposal has served to bring students closer to a literature that narrates facts about their culture, customs and traditions, awakening in them the notion of belonging and how migratory processes influenced their cultural formation. Therefore, a bibliographic research was carried out, supported by theoretical bases that deal with literature, culture, identity and literacy, with the support of studies by: Cândido (2002/2006), Compagnon (2009), Cosson (2018), Laraia (2009), Soares (2009), Street (2014), Bhabha (2003), Hall (2004), among others who discuss the themes that guided this work. Therefore, we can verify that this process to which we refer has not been worked effectively in the classroom, given that school literature has always had as its main focus, the training of the reader from a standard of classic literary texts, canonical, discrediting a whole literary and cultural production that express the way of being and the ways of life of certain subjects and places. Therefore, it is up to the teacher to look for ways to bring the literary text produced in this region closer to the student, aiming at a more contextualized teaching that awakens their critical sense, making sense in the entire teaching-learning process.

Keywords: Literature; Southeast Region of Pará; Cultural formation; Teaching-learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O pontal do Burgo	18
Figura 2 – O Seringueiro	22
Figura 3 – O castanheiro	24
Figura 4 – Tropas marchando de Marabá em direção ao Araguaia	28
Figura 5 – Garimpo de Serra Pelada.....	29
Figura 6 – Mesorregião, microrregiões e municípios do sudeste do Pará.....	31
Figura 7 – Devastação da Floresta.....	58
Figura 8 – Escola Jonathas Pontes Athias.....	75
Figura 9 – Ouriço de castanha do Brasil.....	85
Figura 10 – Biblioteca Municipal.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BIS	Batalhão de Infantaria de Selva
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
IBGE	Instituto de Geografia e Estatística
INAF	Indicador de Analfabetismo Funcional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programme for International Student Assessment
PT	Partido dos Trabalhadores
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ASPECTOS CONTEXTUAIS, HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E CULTURAIS DO SUDESTE DO PARÁ.....	18
1.1 História e formação da região	18
1.2 Ciclos econômicos e migratórios da região Sudeste do Pará.....	21
1.3 Literatura e identidade cultural	32
2 CULTURA E IDENTIDADE: CONCEITO, IDEIAS E DESDOBRAMENTOS	37
3 ENSINO DE LITERATURA: QUESTÕES IDENTITÁRIAS, CULTURAIS E METODOLÓGICAS.....	51
3.1 O ensino de literatura e a valorização da história e da cultura locais	53
3.2 Literatura: algumas reflexões e apontamentos.....	55
3.3 Ensino-aprendizagem de literatura	59
4 A RELEVÂNCIA DO LETRAMENTO CULTURAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LITERATURA	64
4.1 Letramento como prática social	67
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA DO SUDESTE DO PARÁ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

A principal motivação para o desenvolvimento desta pesquisa, surgiu do anseio de entendermos um pouco sobre os processos culturais que envolvem a região Sudeste do Pará, um lugar marcado por um intenso fluxo migratório que motivou muitos a adotarem este lugar como morada. Assim como minha família, que veio para cá na década de 1980 em plena ascensão do garimpo de Serra pelada com o sonho de uma vida melhor, abandonando uma base já estruturada (emprego e moradia) na capital do estado, para aventurar-se num lugar até então desconhecido.

Ao chegarmos na cidade de Marabá, tivemos alguns problemas na adaptação ao novo lugar, principalmente na questão da cultura, marcada pela presença de pessoas que, assim como nós, foram atraídas para este lugar de fartura e riqueza e que incorporaram seus costumes e tradições aos dos nativos daqui. Isso até hoje pode ser evidenciado nas formas de falar características da região Nordeste, assim como na culinária em que há a incorporação de alimentos típicos de outros estados, como o pequi do cerrado, a buchada, o cuscuz e do baião-de-dois; na medicina alternativa com uso de produtos extraídos das florestas; nas festas populares que sofreram adaptações; no sincretismo religioso, entre outras formas de manifestações culturais hibridizadas. Embora esta adaptação para meus pais tenha sido menos traumática por já terem visitado a região anteriormente, haja vista que meu avô era um dos muitos migrantes nordestinos que aqui já se encontravam desde os tempos dos castanhais, trabalhando na extração tanto da castanha como do caucho e de pedras preciosas no fundo dos rios, como escafandrista.

Um homem possuidor de muitas histórias vividas ao longo dos seus 80 anos de existência, suas narrativas pelas florestas e rios da região sempre foram repletas de aventuras, mitos e lendas deste lugar; narrativas estas que colocam em primeiro plano, pessoas simples, trabalhadoras, que vivenciaram as transformações ocorridas no Sudeste do Pará, desde sua formação até os dias atuais e dignas de serem repassadas para as gerações futuras, mas que infelizmente, vem se perdendo ou se alterando com os processos de modernização.

Essas memórias culturais ficaram por bastante tempo adormecidas e ao adentrar na faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará em 2002, vieram à tona novamente, retomadas pelo poder da literatura, que me oportunizou conhecer

alguns escritores amazônicos que assemelham suas narrativas aos da região sudeste do Pará, num claro propósito de afirmação de uma identidade cultural.

Ao sair da faculdade e me tornar professor, pude perceber que essa literatura não tinha espaço no ambiente escolar, cerceando nossos educandos de terem acesso a textos literários que remontam a um passado que tem sido cada vez mais negado a eles. Pode-se dizer que esse foi o elemento motivador para o desenvolvimento desta pesquisa que apresenta a relevância do estudo da cultura e da literatura produzidas no Sudeste do Pará e a relação dessa cultura literária para os processos de construção da identidade cultural.

Para tanto, é importante sabermos que o conhecimento cultural desenvolvido nas aulas de Língua portuguesa faz com que os alunos observem e sintam os processos artísticos dos quais fazem parte, possibilitando-os a terem acesso às produções e obras que são discutidas nas escolas. Dessa forma, a justificativa plausível para a realização dessa dissertação é o fato de que existe a necessidade dos profissionais de educação, inserirem obras de escritores que produzem no Sudeste do Pará nas aulas de Língua portuguesa, como forma de promover o conhecimento e desenvolver sentimentos de valorização de seus próprios processos culturais.

Como será apresentado ao longo do trabalho, ainda é possível identificar alunos que não se interessam pelas aulas de Língua Portuguesa, talvez por entenderem erroneamente que os conteúdos ensinados, são maçantes, densos e sem utilidade para suas vidas futuras, principalmente quando se fala em literatura. Essa visão distorcida, em muito se deve pela diminuição da presença da literatura, de fato, no ambiente escolar, pois os textos literários passaram a ter seu espaço diminuídos e serem substituídos por periódicos, trechos de obras e revistas, biografias e gêneros como receitas culinárias, bulas etc, com o claro propósito apenas de ensinar a leitura e a escrita, sem focar na formação literária dos alunos.

Com isso, queremos destacar que a diversidade de gêneros textuais trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa é importante e necessária, no entanto, questionamos o fato da inexistência de textos literários e culturais da Amazônia, nessa aulas, pois compreendemos que esse material cultural é de extrema importância para realçar o jeitos de ser e de viver dos grupos humanos dessa região.

Essa ausência literária acarretou sérias consequências para os educandos, pois tem feito com que a escola se afaste de sua principal função que seria a de formar sujeitos conhecedores de seus processos de formação cultural; há muito se faz necessária a criação de estratégias que venham a contemplar a cultura local, haja vista que ela possibilita aos discentes, um estreitamento dos laços com as suas culturas, tornando as aulas mais atrativas pelo fato de possuir em seu conteúdo, elementos identitários.

Enfatizamos que neste trabalho as denominações *local* e *regional*, não significam que as obras produzidas circunscrevem apenas à região Sudeste do Pará, nem que estejam associadas a algo menor, mas para enfatizar o lugar de enunciação, de afirmação.

A escola como agente socializador tem como objetivo oferecer ao aluno a possibilidade de conhecer seu lugar com suas complexidades e multifaces, cabendo ao professor estimular esse conhecimento reflexivo e reprodutor dos mais diversos códigos culturais. É claro que todo o conteúdo disponibilizado e ensinado nas aulas de Língua Portuguesa/literatura devem continuar a ser ensinados, mas introduzir um material didático novo, que apresente um pouco da cultura amazônica, poderá ser uma forma de fortalecer o interesse dos alunos pelas aulas. Com base nesse pensamento, procura-se entender a seguinte questão-problema: Como inserir a literatura do Sudeste do Pará nas aulas de Língua Portuguesa, como forma de despertar a noção de pertencimento e produzir processos de formação das identidades culturais?

Importante ressaltar que o objetivo dessa pesquisa é discutir a incorporação nas escolas da rede pública do município de Marabá, da literatura do Sudeste do Pará como fonte imprescindível de conhecimento histórico, informativo, didático e cultural, que pode transformar nossos alunos em seres mais conscientes e reflexivos às questões ambientais, culturais, econômicas e sociais.

Pretende-se com isso, de forma bastante ampla: debater concepções de cultura e identidade, assim como mostrar a relevância do ensino da literatura produzida no Sudeste do Pará, envolvendo questões culturais, identitárias e metodológicas; a ideia é compreender como as obras produzidas por escritores regionais podem ser inseridas nas aulas da educação básica e quais são as implicações dessas práticas na formação do aluno.

O conceito de cultura desenvolvido nessa pesquisa está baseado nos estudos de Homi K. Bhabha, que trabalha em seu livro *O local da cultura (2004)*, com a temática sobre os conceitos de cultura, hibridismo cultural, diversidade e diferença cultural:

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente ao *objets d'art* ou para além da canonização da idéia de estética. A lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. (BHABHA, 2004, p. 240)

Segundo Bhabha (2004), o processo de interação entre colonizador e colonizado é conflitante, haja vista que o primeiro exerce uma relação de poder sobre o segundo, impondo-lhe valores, leis, regras e sistemas de pensamentos, paradigmas herdados da cultura hegemônica europeia e norte-americana em detrimento de outras formas de culturas e acabam por ocasionar uma relação de dualidade entre os elementos citados, gerando espaços de hibridização.

Assim, a escolha do tema dessa pesquisa deve-se ao fato de que alguns alunos ainda não tem noção da relevância da aprendizagem de Língua Portuguesa como fonte de conhecimento capaz de promover a autonomia no processo de escrita e entendimento cultural acerca da região á qual estão inseridos. Leva-se em conta o fato de que as obras de autores que produzem nesta parte da região amazônica, precisam ser melhor divulgadas e, conseqüentemente introduzidas nos currículos escolares, com o propósito de promover um amplo processo de letramento cultural.

A metodologia utilizada para esse projeto é a pesquisa descritiva de caráter bibliográfico, conforme orienta Gil (2010), por meio de obras e autores que abordam a temática em questão, realizando-se também uma pesquisa documental, através de análises e registros. A revisão da literatura efetivada para esse estudo utilizou as bases de dados: Scielo e Google Acadêmico, sendo escolhidas por serem consideradas bases de dados virtuais de referência para publicações de teses, artigos e dissertações.

A partir da construção de uma base teórica, fez-se a intervenção em sala com a incorporação da leitura das obras, rodas de conversas com autores locais, pesquisas, interação com espaços de produção com a visita aos lugares citados nos livros, oficinas, exposições fotográficas, criação de portfólio, produção de memórias, biografias, uma biblioteca virtual e culminando com a proposta de inclusão de forma permanente no currículo escolar do município.

Como forma de compreender a abordagem do tema em sua prática, foi realizado um estudo de caso em que é apresentada a forma como os professores inserem a literatura produzida por escritores da região sudeste do Pará nas atividades de leitura e escrita de uma turma de ensino fundamental II (8º ano), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jonathas Pontes Athias, apresentando recursos que os docentes utilizam no processo de letramento cultural e abordagem da identidade com o qual os alunos estão inseridos.

Para melhor organização, esta dissertação foi dividida em cinco capítulos. No primeiro intitulado *Aspectos contextuais, históricos, literários e culturais do Sudeste do Pará*, é apresentado um panorama histórico e de formação, relatando os ciclos econômicos que aqui surgiram e motivaram o fluxo migratório para a região, modificando o lugar; assim como também são descritas as lutas e a relação de poder entre os sujeitos - com um olhar especial para a questão do genocídio indígena aqui ocorrido e esquecido pela história oficial - os impactos ambientais causados pela ação humana, o surgimento de cidades e povoados nas margens das rodovias, motivados pelo processo de desenvolvimento da Amazônia pelo governo federal e do garimpo de serra pelada. Elementos norteadores para uma ressignificação do passado e das memórias que através das obras literárias aqui produzidas, possibilitarão um entendimento de uma possível identidade cultural.

No segundo capítulo, são trabalhadas as questões sobre cultura e identidade, com o embasamento teórico de autores que versam sobre o tema, com maior destaque para as pesquisas de Stuart Hall e Hommi K. Bhabha, que contribuem significativamente para o entendimento das diferenças culturais da região Sudeste do Pará, marcada por um intenso processo migratório cheio de conflitos, choques, diferenças e transformações que contribuíram para o que os autores denominaram de hibridismo cultural.

O terceiro capítulo, versa sobre o ensino de literatura como elemento que possibilita ao educando, a percepção de uma identidade cultural, levando em consideração a literatura produzida nesta região do Pará, fazendo algumas reflexões e apontamentos que ressaltam a importância desses textos literários para a formação do sujeito dentro de uma sociedade. No capítulo seguinte se trabalha a relevância do letramento como elemento construtivo da identidade, pois o mesmo está relacionado com as práticas sociais e culturais de um povo, tendo a escola, o papel de fornecer a introdução desses conteúdos que permitirão um maior conhecimento cultural dos educando com relação ao seu local de vivência.

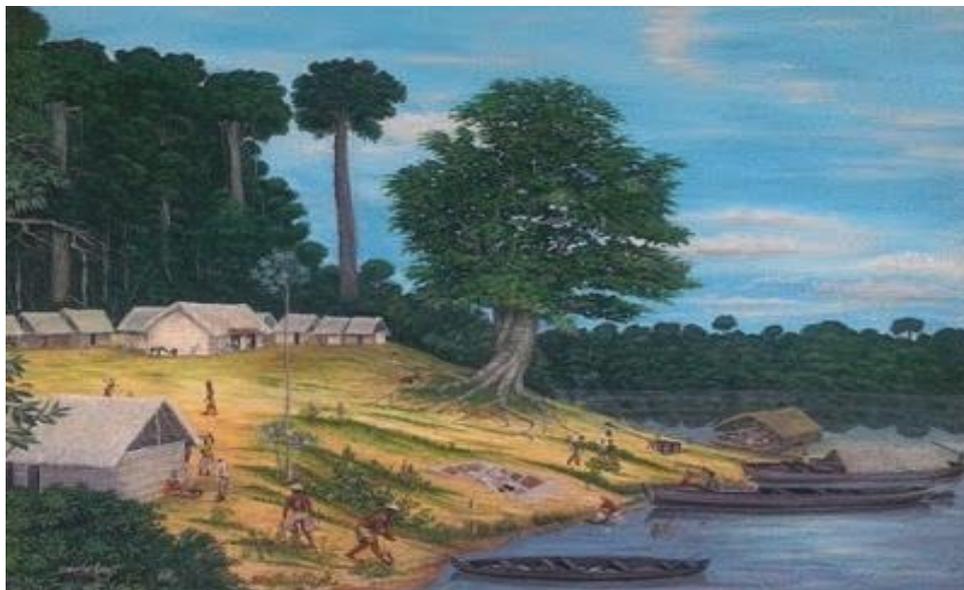
No capítulo quinto, são apresentados os procedimentos utilizados para a aplicação do projeto a partir de uma intervenção pedagógica, elaborada em etapas e devidamente detalhada, que tornará possível chegarmos a algumas propostas de grande valia tanto para a conclusão, como para a continuação do projeto e que serão expostas nas considerações finais,

1 ASPECTOS CONTEXTUAIS, HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E CULTURAIS DO SUDESTE DO PARÁ

1.1 História e formação da região

Os primeiros migrantes surgiram no final do século XIX, vindos do Maranhão e de uma parte do Goiás (onde hoje fica o estado do Tocantins), instalando-se nas confluências dos rios Tocantins e Itacaiúnas, chefiados pelo coronel Carlos Gomes Leitão, este grupo veio da região de boa vista do Tocantins - atual Tocantinópolis (VELHO, 1972), após um entreviro político com um grupo contrário e que ficou conhecido como guerra de Boa vista¹, a intenção era de montar um burgo agrícola que tinha como principal objetivos desenvolver atividades agrícolas aliado a criação de gado para abastecer a capital do estado Belém, na época uma das maiores cidades brasileiras, isso com a anuência do governo do Pará, estabelecendo-se nas terras dos índios aviões, contribuindo depois para a formação das primeiras cidades do sudeste paraense.

Figura 1 – O pontal do burgo



Fonte: marabaturismo.blogspot/domingosnunes

¹ Em 1906, o padre Estevão Gallais, ao escrever a biografia de Frei Gil de Vilanova, relata o conflito de Boa Vista como uma disputa política no contexto de implantação da República, mas também animada por ódios particulares, entre o Intendente Perna, chefe do partido conservador, e o coronel Carlos Gomes Leitão, chefe do partido liberal. Ambos teriam armado seus partidários e puseram-se em batalhas.

Com o passar do tempo e o declínio do burgo, surge um novo atrativo econômico na região - o caucho² - que desperta olhares de novos migrantes assim como dos moradores locais. Entre os que resolveram instalar residência no local, estava o comerciante maranhense Francisco Coelho da Silva que montou sua casa comercial intitulada “Marabá” (homenagem ao poema de Gonçalves dias), em local estratégico entre os rios Tocantins e Itacaiúnas, dando origem ao vilarejo que se tornaria mais tarde umas das cidades mais importantes do estado.

Atraído pela fama da facilidade de fazer fortuna no Tocantins na exploração da castanha e contando com auxílios por parentes de Carlos Leitão, Francisco Coelho mudou-se para o burgo agrícola do Itacaiúna, levando consigo a família constituída na cidade de Grajau. Coelho reconheceu o caucho. (CARVALHO, 2000, p. 177)

Com a descoberta feita pelos irmãos Hermínio e Antônio Pimentel que ao explorarem a floresta, acharam uma grande quantidade de árvores de caucho e resolveram pegar algumas amostras da goma elástica por elas produzidas e enviá-las ao governador do estado para apreciação; a região começa a receber uma grande quantidade de pessoas (comerciantes, tropeiros, barqueiros, juquieiros, caçadores, pescadores, extratores de caucho), vindas de todas as partes do Brasil, principalmente do Nordeste, transformando o lugar nos anos seguintes, num local promissor.

A fama dessa riqueza atraiu quantidade inumerável de gente de todas as partes do Brasil uma onda interminável de emigrantes da Bahia, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Maranhão transitou pelo porto de Imperatriz em busca do Eldorado do Itacaiuna. Desde o Piauí, todo sertão exportou viveres, carne de boi e de porco; toucinho, farinha seca e de puba, açúcar, rapadura, cachaça, tabaco, doces queijos, galinhas, ovos, bois vivos, porcos e vacas paridas, até laranjas, aboboras e inhames para a fantástica e maravilhosa Marabá, surgida de repente como obra da magia na foz do escuro rio Itacaiuna. (CARVALHO, 2000, p. 167).

Nesse ínterim, Marabá assiste ao aumento de sua população de maneira significativa e com isso surgiram alguns problemas como: desordens, brigas, arruaças, tiroteios, prostituição, assassinatos e conflitos políticos, econômicos e agrários; o que

² “O caucho é uma das espécies vegetais produtoras de látex, como a seringueira, a mangabeira, a maçaranduba e outras. O nome científico do caucho é *Castilloa elástica*; é um árvore que alcança de 15 a 20 metros de altura, tendo seu tronco cerca de meio metro de diâmetro” (MATTOS, 1996, p. 26).

acaba caracterizando o Sudeste do Pará como “terra sem lei”, essa notoriedade surgiu pelas características de transitoriedade, em que as pessoas estavam socialmente ligadas por acordos provisórios e sem vínculos concretos com o lugar. Figuras em constante movimento que se alternavam dentro do espaço e nas atividades laborais. Como vemos a seguir um dos conflitos na região, registrados na época.

Em 1908, centenas de caucheiros encontravam-se nas matas do rio Coco, afluente do alto Itacaiúnas, alguns com suas esposas, outros com mulheres livres. Por lá chegou também o sr. Pedro Fernando de Oliveira, com 10 homens com a finalidade de trabalhar na extração de borracha. Em um determinado dia, cabeças esquentadas por fartos goles de cachaça, houve um mal-entendido entre aqueles homens rudes, que degenerou em verdadeiro combate, travado a tiros de rifle 44. Quando cessou o tiroteio verificaram-se 28 mortes, inclusive de mulheres. (LIMA, 1984, p 95-96)

Importante salientar que até o fim do século XIX, a região era povoada somente por indígenas e a única localidade existente era a colônia militar de São João do Araguaia, que servia como base de proteção nacional. Com a descoberta do caucho se verifica o primeiro aumento do fluxo migratório na região, momento em que o colonizador começa a ocupar o território indígena, decretando o início do massacre de milhares de indígenas que aqui viviam e que foi continuado nos ciclos seguintes como o da castanha-do-Pará.

“Descobriu-se nesta região o caucho, e os índios voltaram a ser confrontados com os brancos, que adentravam a mata, em busca das árvores da goma elástica. Pouco depois, por volta de 1920, foi a castanha do Pará que atraiu os brancos para o interior da floresta, provocando novos conflitos. (MATTOS, 1996, p. 12)

Mattos (1996), demonstra em números esse extermínio ao relatar que até 1910 a população indígena Kaiapó era composta de 6 a 8 mil pessoas e oito anos depois (1918) estavam reduzidos a apenas 500 e diminuindo a cada ano, até que em 1929 restavam apenas 27 indígenas da etnia. Esse extermínio já vinha acontecendo muito antes, quando os bandeirantes aportaram na região no século XVI, na época existia uma considerável população indígena divididas em seis comunidades: os Araras, Assurini, Gavião, Kaiapó, Parakanã e Surui.

Esse contato com os colonizadores provocou uma rápida degradação da população indígena, motivada por epidemias provocadas pelo contato com o homem

branco e pela escravização e o extermínio em massa dos indígenas que se encontravam em áreas de interesse do colonizador. O etnocídio provocado pelo “povo civilizado” decretou o fim de várias culturas nativas da região, um fato vergonhoso da nossa história que é pouco explorado e quase desconhecido pelos mais jovens.

1.2 Ciclos econômicos e migratórios da região Sudeste do Pará

A corrida desenfreada em busca do precioso látex extraído das árvores de caucho, marcou o início do desenvolvimento do Sudeste do Pará com a chegada de novos migrantes em busca de trabalho, iniciando o chamado ciclo da borracha que coloca a região em destaque no cenário estadual, acentuando o poder político e econômico dos senhores locais.

O então humilde povoado foi-se transformando em tumultuoso aglomerado humano onde lei era quase desconhecida e se privava rápido enriquecimento, sendo válido todos os recursos. Mas já naquela época, o pequeno vilarejo também hospedava homens de relativo conhecimento, o que provocou as primeiras ideias de independência. (MARABÁ, p. 99)

Enquanto o vilarejo de Marabá crescia sem estrutura e organização (não haviam escolas, correios e autoridades representantes), dependendo da cidade de Baião em suas petições e necessidades; e depois de vários projetos de desmembramento indeferidos, surge um movimento emancipacionista que tinham à frente os comerciantes locais que orientados pelo advogado João Parsondas de Carvalho, iniciam entendimento com o governo de Goiás para que Marabá fosse incorporada aquele estado, o estado vizinho prontamente aceitou a inclusão da região e nomeou o senhor Norberto de Melo como representante do governo goiano, o que acirrou os ânimos entre os dois estados e para que não houvesse uma luta armada, os governos entraram num acordo.

Isso serviu para que o governo do Pará, temendo perder um importante território para o estado vizinho, se apressasse; e em 27 de fevereiro de 1913, através da lei nº 1278 criou o município de Marabá, sendo concretizado pouco tempo depois em 05 de abril do mesmo ano.

A exploração do caucho na região teve início no final do século XIX, no auge da produção amazônica, mas a partir de 1912 os preços despencaram, em virtude da

concorrência da borracha produzida nos seringais asiáticos (principalmente na Malásia), que tinham um valor comercial mais baixo.

Figura 2 – O seringueiro



Fonte: marabá.blospot.com/percylau

Essa crise é refletida em toda a Amazônia, trazendo graves problemas econômicos, sendo sentido principalmente pelas capitais Manaus e Belém. A região por sua vez não sente esse impacto por muito tempo, pois novamente encontrou na floresta outra forma de subsistência, a exploração da castanha-do-Pará para fins de exportação, pois até então era coletada apenas para o consumo local.

Nos anos seguintes, a comercialização e extração da Castanha-do-Pará segue em ritmo lento e só a partir de 1920 e que há uma valorização do produto no mercado europeu que descobre seu grande potencial na fabricação de doces e óleos. Marcando um novo ciclo econômico que durou por décadas na região (até meados de 1985), transformando a cidade de Marabá em ponto estratégico de intercâmbio comercial com os estados vizinhos (Goiás e Maranhão), nesse período se intensifica o fluxo de pessoas e mercadorias através do rios.

A partir da metade de 1924, a notícia daquela moleza, chega aos sertões dos estados do Maranhão, Goiás e Piauí, e conseqüentemente as famílias que ali viviam sem expectativas migram para marabá, cidade dos castanheais

devolutos, logicamente visando o enriquecimento rápido. (MONTEIRO, 2001, p.37)

Nessa ocasião, a navegação a motor ganha importância no desenvolvimento da região Sudeste do Pará, os pilotos práticos do Tocantins como eram chamados, ganham notoriedade pela habilidade e bravura ao enfrentarem as corredeiras e pedrais com destreza e valentia, antes o transporte através dos rios era feito por batelões – embarcações de madeira movidas a remo ou a reboque.

No trajeto entre os castanhais e marabá, empregava-se inicialmente os batelões, grandes barcos impulsionados por ganchos e forquilhas, com auxílio do remo ou da voga. Álvaro de Barros Lima conta que “a aproximação dos batelões era anunciada pelo tan-tan cadenciado dos calcanhares dos barqueiros batendo o convés da embarcação, acompanhado de quadrinhas alusivas às suas vidas, seu trabalho e seus amores”. Posteriormente passou-se a usar também os “PENTAS”, barcos com motores de popa e capacidade para 9 a 10 toneladas. (MATTOS, 1996, p. 43)

O escritor marabaense João Brasil Monteiro no prefácio de seu livro *Viagem ao Tocantins, Araguaia e Itacaiúnas*, enfatiza a importância desses sujeitos.

Com esse propósito, muitos contribuíram para o desenvolvimento e progresso dessa região, embora não mencionemos nominalmente cada um dos que abriram os caminhos que hoje seguimos, não há dúvida de que eles se tornem heróis desbravadores desta história, que do lugar reservado por deus, sintam-se eles realizados por serem lembrados nestes pequenos fatos, tornando-se imortais, em função de suas laborais lutas. (MONTEIRO, 2003, p. 7)

Entre os anos de 1925 a 1927, a região torna-se a maior produtora de castanha do mundo, sendo responsável por 60% da produção do estado do Pará. É nesse período também que a exploração dos castanhais passa a ser coordenada pelo governo do estado que divide os lotes e os arrenda às famílias que detêm o poder político e econômico na região. Surgindo as primeiras oligarquias, como a dos Mutrans, comerciantes sírios que tinham na figura do Sr. Nagib, seu maior representante, Mattos (1996) relata como se deu a mudança do sistema de exploração e comércio da castanha-do-Pará.

No início a castanha foi explorada pelo sistema de extração livre: não havia “patrão”, nem as terras tinham donos. Com a valorização do produto, pessoas mais abonadas – geralmente comerciantes – passaram a contratar castanheiros ou financiá-los. Aos poucos esses patrões, valendo-se de

influências políticas, obtiveram do governo direitos sobre os melhores castanhais e passaram a exercer o monopólio comercial. Como num círculo vicioso, o poder econômico trouxe a esses patrões o domínio da política local. Surgiram assim os grandes donos de castanhais, chefes políticos que controlavam a cidade, o comércio e a produção de castanha desde a extração até a exportação. (MATTOS, 1996, p. 38)

Com status de cidade, Marabá torna-se a capital da castanha, ganhando fama de lugar em que o dinheiro corria fácil por ser o entreposto comercial entre os rios da região, atraindo uma multidão de homens e mulheres em busca de uma vida melhor. Surgem frentes de trabalho para as mais diversas ocupações como castanheiros, tropeiros, estivadores, barqueiros, operários, armadores, carpinteiros, comerciantes, lavradores, criadores de gados e no topo hierárquico, a figura dos donos de castanhais.

Figura 3 - O castanheiro



Fonte: <http://artistasvisuaisarma.blogspot.com/Domingosnunes>

Nesse período, o papel das mulheres ganha importância, pois ficavam responsáveis pela educação e sustento dos filhos enquanto os maridos estavam fora, a maioria trabalhava nas casas de famílias ricas, comerciantes ou donos dos castanhais em que os maridos se encontravam. Mas muitas encontraram nos rios, a subsistência, como lavadeiras de roupas. Apesar delas terem seu protagonismo na construção da história, não há um aprofundamento oficial sobre seu papel na

formação da comunidade, em especial na cidade de Marabá, num claro processo de invisibilização, que ainda encontra resistência nas memórias dos mais antigos. Conforme descreve Oliveira (2008).

Um desses silêncios é a presença da mulher como um dos protagonistas da construção da história de cidade de Marabá, pois existe uma ausência de informações nos ditos documentos da história oficial, situação que contrasta com a abundância das narrativas e com a riqueza de imagens suscitadas pela memória que é passada de geração em geração. (OLIVEIRA, 2008, p. 35)

A despeito da prosperidade e dos sonhos dos que aqui desembarcavam, o regime de trabalho nos castanhais era de semiescravidão. Os patrões forneciam os mantimentos para os que iam para as matas e ainda davam um adiantamento para o sustento da família que ficava na cidade, num sistema chamado de “aviação” que em sua maioria era muito lucrativo para os donos de castanhais no final da safra, muito semelhante ao sistema feudal em que o trabalhador se submetia ao que o patrão achava que lhe convinha pagar.

Terminada a safra, iam os castanheiros ao acerto de contas com o seu patrão. Quase sempre, por mais que o castanheiro trabalhasse, ou por menores que fossem as retiradas de mercadorias no “barracão” do patrão, o encarregado conseguia provar que o saldo do castanheiro era mínimo; algumas vezes ficava até com dívidas! Como era possível isso? Ocorre que os preços das mercadorias eram determinados pelo patrão, bem como o valor da castanha. Havia ainda a fraude na medida da castanha coletada que era o hectolitro. Quando o patrão ia comprar, enchia o hectolitro com uma enorme “cabeça” e assim cada “hectolitro”, em lugar de conter 100 litros, levava 150 litros ou mais. (MATTOS, 1996, p. 43).

Com o passar do tempo, a coleta de castanha que era às margens dos rios e igarapés, adentra para o interior da floresta, havendo a necessidade do uso de tropas de burros para o transporte e a abertura de estradas rústicas e a construção de pontes de madeiras, surgindo pequenos povoados no entorno. Com o início da segunda guerra mundial em 1941, há um declínio dos produtos considerados supérfluos, entre os que veem seu preço despencar, estava a castanha, voltando a se recuperar somente ao fim do conflito em 1945.

Nesse período de guerra, o caucho volta a ter evidência pela necessidade bélica do momento e pelo fato dos japoneses terem invadido os seringais cultivados no oriente, disparando seu valor de mercado e atraindo novamente para as florestas

amazônicas, os caucheiros agora chamados de “soldados da borracha” pelo governo Vargas, que propaga a Amazônia como “lugar de fartura e esperança”, atraindo milhares de nordestinos para a região nessa segunda fase de extração do látex.

Paralelamente, o extrativismo mineral ganha importância com a exploração de diamantes ao longo dos rios Tocantins e Araguaia, provocando o surgimento de novos lugarejos na região como as vilas de Jacundá e Itupiranga. No início, a extração era feita de forma manual e logo depois com uso de bombas de sucção utilizadas pelos escafandristas - mergulhadores garimpeiros que vasculhavam as calhas dos rios; esse formato de garimpagem na região Sudeste do Pará, facilitou a busca por diamantes e aumentou consideravelmente a produção, era um trabalho arriscado em que muitos ao aventurarem-se nas águas turvas dos rios, não voltavam com vida. Monteiro (2004) relata como era rústico o processo de escafandragem.

A escafandragem era composta dos seguintes complementos: um estrado de madeira serrada sobre duas grandes canoas com cobertura, atrelados com cabos de arame a grandes pedras à margem do rio e, sobre ele, uma máquina de ferro laminado e fundido, com duas rodas grandes dotadas de manículas que ao serem manualmente acionadas transmitiam mecanicamente movimento e compressão, produzindo ar puro, injetando por uma mangueira de borracha flexível à cabeça do escafandro, possibilitando ao escafandrista realizar mergulhos em profundidades, águas paradas ou violentas. (MONTEIRO, 2004, p. 36)

Na década de 50 surge outra opção aos garimpeiros, as “Chupadeiras”³, que se aliam aos escafandros na procura por diamantes. Demonstrando-se uma via rentável e bastante produtiva, ainda hoje podendo ser vistas nas calhas dos rios Tocantins e Araguaia, agora na extração de seixos com areia para a uso na construção civil.

A região prospera e vê na pecuária uma nova alternativa de investimento, com a criação de gado concomitantemente à abertura da estrada Belém-Brasília, permitindo a ocupação e o adensamento populacional do lugar. A estrada facilita o acesso à capital do estado, antes feita somente por barcos e aviões. Atraindo empresas do Sul do país e também estrangeiras que começam a investir em projetos

³ Composta por duas pequenas embarcações equipadas com motores semi-diesel que as propulsionavam; um estrado e toldo de madeira a elas parafusado, no seu interior; um motor estacionário de 120 HP conjugado a uma bomba centrífuga de alta precisão, mangueira especial, um conjunto de válvula de retenção e ralo metálico em sua extremidade, capaz de sugar cascalho a profundidades e transportá-los mecanicamente às peneiras.

agropecuários e na exploração de madeira, com apoio e incentivos fiscais dados pelo governo federal.

Mas esse “progresso” não melhorou muito a vida da população que tinha perfil extrativista e agrário, haja vista que houve conseqüentemente um aceleração na destruição da floresta e dos castanhais que deram lugar as pastagens para a criação de gado. O governo incentivou os grandes latifúndios, acirrando ainda mais os conflitos já existentes pela posse da terra.

A partir do ano de 1966, a região torna-se um polo mineral com a criação da província mineral de Carajás. A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) começa a exploração dos minérios da Serra dos Carajás, um projeto bilionário em parceria com o capital estrangeiro que possibilitou a construção de obras como a estrada de ferro Carajás que facilitaria o escoamento da produção e da hidrelétrica de Tucuruí que seria responsável para dar apoio energético ao projeto.

O Sudeste do Pará vira um grande canteiro de obras, o governo valendo-se disso e com o intuito de manter o controle da Amazônia nas mãos, resolve construir a rodovia Transamazônica e incentiva o crescimento demográfico e populacional com o lema “Amazônia: terra sem homens para homens sem terras”, oferecendo pequenos lotes de terras e atraindo novamente uma quantidade enorme de pessoas para cá, principalmente nordestinos fugidos da seca, mas esses migrantes acabam encontrando uma série de problemas que os fazem fracassar; como doenças tropicais (principalmente a malária), o clima (muito chuvoso), inexperiência e a falta de apoio do governo para a fixação desses à terra. A maioria vende seus lotes e sai à procura de outras formas de sobrevivência, enveredando-se nas cidades circunvizinhas à rodovia. O fluxo migratório muda, antes voltado para as localidades no entorno dos rios, agora direciona-se para as beiras das estradas como a PA 70 que interligava a região de Marabá à rodovia Belém-Brasília, fazendo surgir cidades como Rondon do Pará, Abel Figueiredo e Bom Jesus do Tocantins.

No final da década de 60 acontece outro episódio que acaba afetando a região - a Guerrilha do Araguaia⁴, quando um grupo de jovens estudantes e membros do Partido Comunista do Brasil, desembarcam aos poucos nos arredores da Serra das

⁴ Movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tinha por objetivo fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no campo, baseada nas experiências vitoriosas da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa.

Andorinhas (município de São Geraldo do Araguaia) com o propósito de criar um grupo armado de resistência ao governo militar, instalado no Brasil desde 1964.

A intenção do grupo era ganhar o apoio e a confiança dos moradores locais, mas ao receberem informações sobre o que estava acontecendo, as forças armadas se mobilizam para a região e adentram na floresta para o enfrentamento contra os guerrilheiros, estima-se que foram empregados mais de 10.000 soldados da marinha, Exército e Aeronáutica, o que resultou na aniquilação do grupo de guerrilheiros que somavam pouco mais de 80 integrantes, alguns conseguiram escapar da morte e acabaram presos, como o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) José Genoíno.

Figura 4 - tropas marchando de Marabá em direção ao Araguaia



Fonte: <https://www.wikiwand.com/pt/Historiademaraba>

Com isso, o Exército acha por bem instalar em Marabá, um batalhão (52 BIS) e logo depois a 23ª Brigada de Infantaria de Selva, deslocando muitos militares de outras regiões do Brasil, principalmente cariocas e gaúchos.

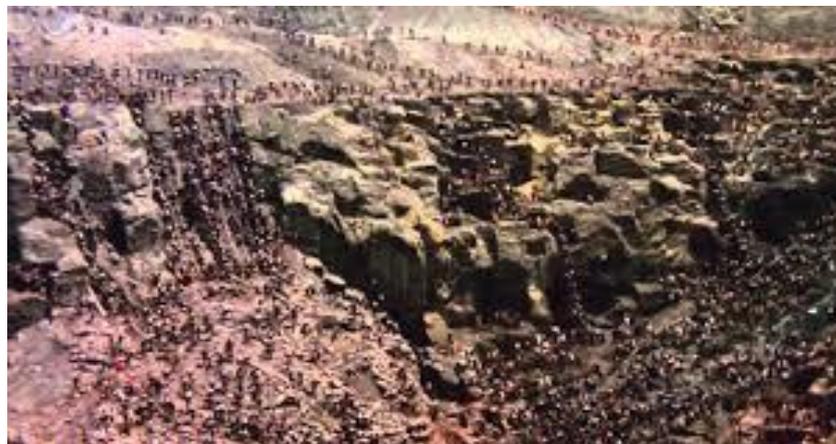
Nos anos seguintes, com a política de integrar a região amazônica ao resto do país, o governo federal começou a implantar projetos e frentes de trabalhos que acabaram por acelerar ainda mais as migrações para o Sudeste do Pará. Culminando com a descoberta de ouro em Serra Pelada (município de Curionópolis) em 1980, essa notícia caiu como uma bomba e em menos de um mês já haviam mais de 15 mil pessoas no local, a medida que as histórias sobre pedras de ouros gigantes (pepitas)

eram disseminadas, a população do garimpo aumentava, recebendo pessoas de todos os cantos do país, chegando a ter 100 mil garimpeiros no auge.

Serra pelada tornou-se um formigueiro humano, homens cobertos de lamas subindo e descendo perigosas escadas chamadas de “adeus mamãe” por ser a última frase que se escutava da boca de quem tinha o infortúnio delas cair.

Logo a montanha vira um imenso buraco, o governo federal resolve intervir e colocar ordem no garimpo com a ajuda do exército e da Polícia Federal. A população das cidades próximas multiplica-se, Marabá tem salto populacional de 59.915 habitantes em 1980 para 205.000 em 1985, segundo dados do IBGE da época.

Figura 5 – Garimpo de Serra pelada



Fonte: Serra Pelada (1986) Juca Martins/Divulgação

O garimpo gerou a formação de novos aglomerados que se tornariam cidades mais adiante - como Curionópolis e Eldorado - locais que foram criados com vários problemas, principalmente de infraestrutura sanitária. Em 1988, a cidade de Marabá tem uma redução em seu território com o desmembramento de Curionópolis e Parauapebas.

A chegada maciça de novos migrantes e os projetos desenvolvimentistas do governo federal para a região, mudam o cenário local. O progresso econômico também trouxe algumas consequências; a maioria dos castanhais e as poucas árvores de Cauchos que ainda existiam, submergiram sobre as águas do lago de Tucuruí, os rios começam a sofrer com a poluição e a falta de tratamento dos esgotos que desembocam nos seus leitos, o ar se torna mais denso, em virtude das queimadas feitas pelas carvoarias, madeireiras e por fazendeiros na criação de pastos, o

desmatamento é acelerado pela pecuária, ambientes naturais sofrem modificações como a serra pelada que transformou-se num imenso buraco, a ação do homem sobre a natureza é devastadora, Mattos (1996) relata isso.

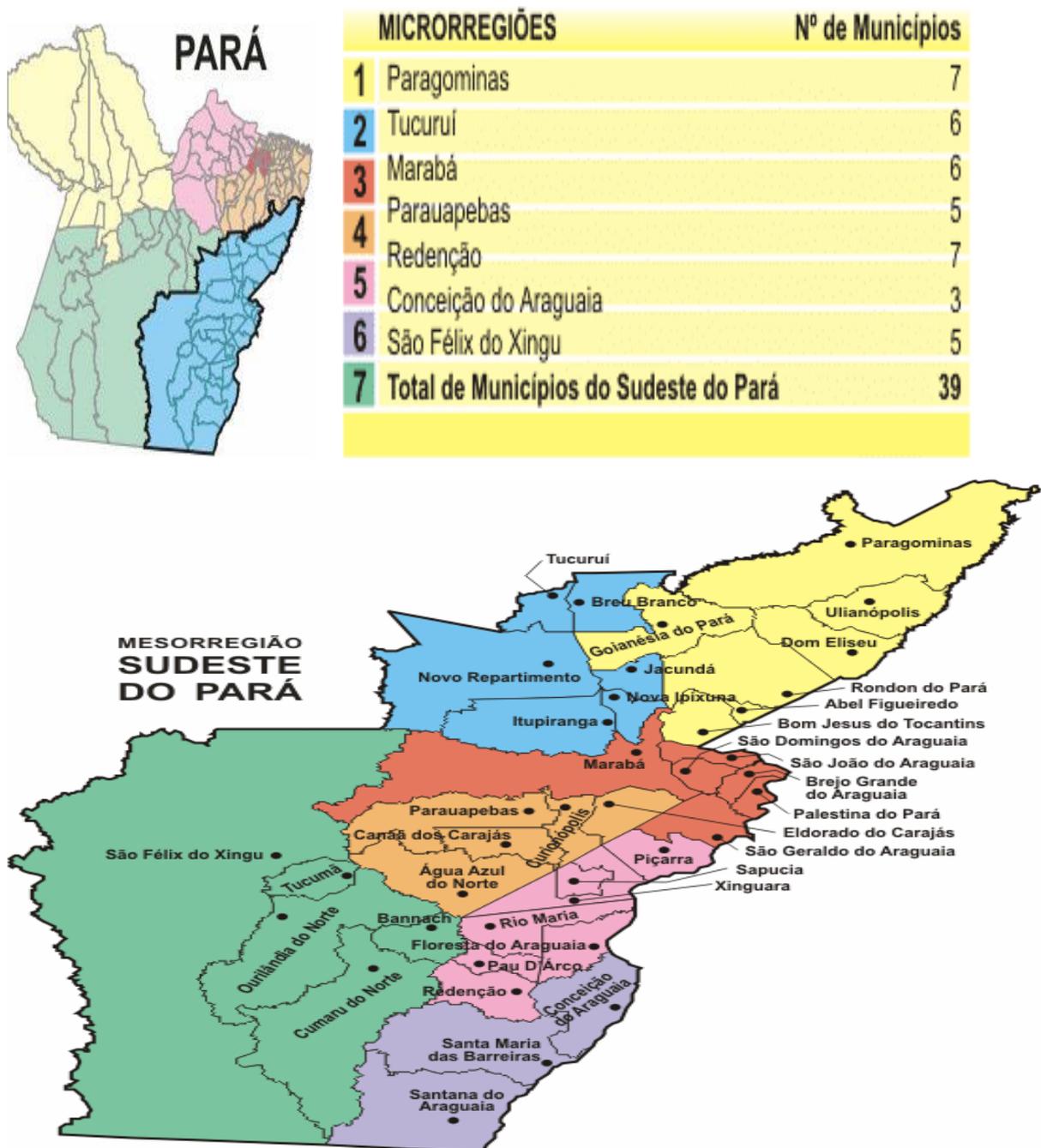
A destruição em larga escala provocou, em poucos anos, a redução do volume d'água dos igarapés, e em alguns casos a extinção de nascentes, o ressecamento do solo, em virtude da não retenção das águas pluviais, causando erosão e desertificação; a elevação da temperatura ambiente; a proliferação de pragas. Na maior parte dos casos, o solo desprotegido, lavado pelas chuvas, ficou pobre de nutrientes, tornando-se imprestável até mesmo para o capim, sendo em pouco tempo abandonado. É importante lembrar que essa destruição é para sempre. É impossível recompor a imensa variedade de espécies animais e vegetais e o fantástico equilíbrio ecológico que permitiu, um dia, a formação de uma exuberante floresta sobre um solo extremamente frágil. (MATTOS, 1996, p. 94)

A criação do polo siderúrgico em Marabá no ano de 1988, tinha como objetivo a produção de ferro-gusa, além de ter gerado milhares de empregos e renda para a região, também agravou esse desequilíbrio ambiental, pois houve um aumento no desmatamento para a produção de carvão vegetal que servia de combustível para as usinas, na poluição do ar gerado pela queima dos fornos de fabricação de carvão e posteriormente pelos fornos de Ferro-gusa nas siderúrgicas, diminuindo a qualidade de vida da população e destruindo ainda mais a floresta.

O processo migratório para a região Sudeste do Pará sempre esteve associado a extração vegetal e mineral, culminando com a descoberta da jazida de ouro em Serra Pelada, que motivou pessoas de todo o Brasil a criarem um vínculo com esta terra. Antes o que se via era um fluxo de migrantes vindos principalmente do Maranhão e Goiás para trabalharem na coleta de castanha e extração de diamantes.

Com a exploração dos recursos minerais, o governo federal percebendo a força da região e procurando estabelecer um controle maior sobre a região, investe em estrutura que possibilite o escoamento da produção, principalmente de minérios do Programa Grande Carajás, para todo o Brasil, transformando-a em um importante polo econômico e gerador de recursos, empregos e renda e modificando o espaço territorial com a criação de cidades estratégicas

Figura 6 - Mesorregião, microrregiões e municípios do Sudeste do Pará



Fonte: www.bicopapagaioam.hpg.ig.com.br/mapas acessado em 28 de abril de 2020.

A criação da região foi marcada pelas formações sociais que surgiram em decorrência dos fluxos migratórios e de trajetórias de vidas marcadas por esse ir e vir entre a cidade e o campo. Os ciclos econômicos aqui surgidos, contribuíram para que tivéssemos como peculiaridade, um processo contínuo de itinerância e mobilidade inter-regionais que acabaram por influenciar nas relações socioculturais do lugar.

Assim, a migração para o Sudeste do Pará molda uma população heterogênea que se encontra em constante processo de reconstrução de suas identidades.

Portanto, a história de formação do Sudeste do Pará que se sabe (oficial), deixa de lado a imagem e as memórias dos povos que formaram o lugar, o migrante em todo esse processo historiográfico foi explorado como mão-de-obra barata, subserviente e desvalorizada, tendo suprimida sua identidade cultural, por isso é necessário que se faça essa retomada através das obras aqui produzidas, dando a oportunidade para os mais jovens, de entenderem como se deu todo esse processo.

1.3 Literatura e identidade cultural

Para o pensador Nildo Lage “A cultura de um povo é seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”. Nesse viés, a literatura tem como principal objetivo a capacitação cognitiva do indivíduo, é por meio dela que se amplia a noção de cultura.

Nesse processo de aquisição da cultura, Laraia (2009, p.67) ao citar os pensamentos de Ruth Benedict, demonstra-nos a visão do homem perante o conceito de cultura como uma lente através da qual se vê o mundo. “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões descontraídas das coisas”. Dessa forma, o momento histórico interfere na construção de sentidos de uma obra literária. A visão de mundo muda de um período para outro e cabe ao leitor ter noção e maturidade para que possa ter plena eficácia na sua leitura.

Uma obra que foi criada em um determinado momento histórico, requer do leitor uma ampliação de sentidos entre o ontem e o hoje (passado e presente), numa miscelânea de valores sociais e culturais. Portanto, as obras falam um pouco do que fomos, do que somos e do que seremos. Essas construções narrativas incorporam e alternam os sujeitos como autor, personagem e leitor. São produzidas levando em conta o momento e a visão de mundo do sujeito e como ele encara esses elementos.

Por isso, um texto é produzido em consonância com o momento histórico a que está vinculado e exerce influência significativa na concepção de mundo dos sujeitos envolvidos, pois as informações e momentos narrados, interferem na construção e sentidos desse texto, uma vez que o mundo que se vive acaba enraizado na obra. A

leitura não é diferente, pois necessita para sua completa compreensão, um conhecimento preliminar e um leque grandioso de informações daquele período em que foi concebido.

Com isso, surge a necessidade de criarmos nos alunos do ensino fundamental, a prática da leitura de livros de autores da Amazônia, que possam contribuir de maneira significativa para aproximá-los ainda mais da sua história, no caso, o sudeste do Pará, forjada pela contribuição de pessoas oriundas de todos os cantos do Brasil e que aqui resolveram fixar residência em busca de progresso para suas vidas.

Tentar compreender como se deu a diversidade cultural dessa parte da região amazônica, requer um conhecimento da história que só será possível através de obras produzidas aqui, ampliando a noção de identidade e diversidade que há muito se discute e que já estão resguardadas na nova LDB (Lei n. 9394/96). Que em seu artigo 1º menciona os princípios que norteiam a educação e estimulam a criação de novas alternativas para o processo educativo, valorizando a experiência extraescolar que aproxime o estudante da realidade por ele vivenciada.

Mais do que uma nova proposta educativa, a intenção é que o aluno, conhecendo seu passado, torne-se um ser mais consciente, reflexivo e participativo, desarmando-se de qualquer tipo de preconceito estabelecido, além de possibilitar a valorização dos autores da região e que muito tem a contribuir com sua formação cultural.

Como professor de Língua Portuguesa há 18 anos, trabalhando em várias escolas da rede pública de Marabá, com turmas do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), pude perceber que a proposta pedagógica dessas escolas não contemplavam a literatura da nossa região amazônica – sequer haviam referências aos autores da região, e esses autores sequer existiam nas bibliotecas das escolas. A escola sempre priorizou obras e escritores de renomes do Brasil e do mundo, além dos clássicos universais, menosprezando um importante legado que possibilitaria aos jovens vivenciar através dos textos literários, períodos marcantes como o ciclo da Borracha, a época dos castanhais, das pedras preciosas e dos garimpos, além de poderem aprofundar seus conhecimentos sobre aspectos litero-culturais do sudeste do Pará.

Não se pode negar a contribuição de obras como *O castanheiro* do escritor João Brasil, que nos traz um conteúdo interessante de como era a vida e os costumes desses coletores, que eram em grande sua maioria, formada por pessoas simples e

“analfabetas”, além de não terem nenhuma qualificação técnica, vindos geralmente do nordeste, fugindo da seca e da fome e que encontravam nesta região, um fio de esperança para sua existência, que ao chegar à cidade de Marabá, eram logo contratados (aviados) pelos gerentes dos castanhais e levados para a floresta, onde ficavam durante a temporada de coleta (período compreendido entre Dezembro a Março), vivendo em condições degradantes de trabalho, morando em barracões coletivos improvisados e se alimentando basicamente de castanhas e da caça. Em seu livro, Monteiro (2001) relata essas condições.

Bem cedinho, trajados com roupas grossas, um, quebrava a jabota que havia encontrado no caminho e o outro decepa ouriços e descasca suas sementes, castanhas, e as ralavas no espinhento cipó paxiúba, objetivando obter daquela polpa, saboroso leite, que seria misturado à carne da jabota já na panela de ferro, alcançando 90 graus de calor. Sob chuva ou sem ela, deixam a barraca com paneiro às costas, terçado 127 pendurado às cinturas, rifle a posto, e penetram aquela imensidão desconhecida, cômicos de que ali, teriam de trabalhar bastante para sanar compromissos assumidos com o patrão e mulheres livres de Marabá. (MONTEIRO, 2001, p. 48e 49)

Além dessas condições desumanas de sobrevivência, os castanheiros conviviam em constante conflito com os verdadeiros donos das florestas, os índios. Esses povos indígenas, desde o início da exploração da região foram massacrados e viram seu território reduzir-se à números insignificantes, a história da região tem por dever relatar como foi esse processo de sofrimento e extermínio dos primeiros a povoar a região, fatos vergonhosos da nossa história que devem ecoar para que se tenha uma visão menos distorcida e preconceituosa das comunidades indígenas que integram o Sudeste do Pará.

Maria Virginia B. de Mattos em seu livro *História de Marabá*, tenta demonstrar através de suas pesquisas que há uma relação pertinente entre os ciclos econômicos aqui surgidos e o desaparecimento de várias comunidades indígenas.

Em nossa região, como em todo o Brasil, houve uma redução rápida da população indígena, um verdadeiro extermínio, provocado por epidemias de doenças trazidas pelos brancos e perante as quais os índios não tinham defesa orgânica; apresamento de índios para o trabalho escravo; assassinatos de populações inteiras que se encontravam em áreas de interesse para o aventureiro branco (seringais, castanhais, áreas de pastagens naturais, áreas ricas em minério). (MATTOS, 1996, p. 11)

A autora faz ainda um relato sobre os costumes, o modo de vida e a cultura das tribos Gavião; Xicrin; Suruí; Parakanã; Arara e Assurini, povos que aqui habitaram muito antes da chegada do homem branco. Os poucos que aqui ainda restam, tentam manter viva as tradições, conforme relatado abaixo

Os gavião procuram preservar certos costumes, como o do preparo do berarubu ou kuputi, iguaria tradicional, em que se colocam duas camadas de mandioca ralada, entremeadas de carne de caça e assadas sob pedras quentes e folhas de bananeira, num forno coberto de terra, improvisado no quintal das casas. Um peixe apreciado para o preparo do berarubu é o poraquê, o famoso “peixe elétrico”. (MATTOS, 1996, p.18)

Diante disso, torna-se imprescindível incorporar ao cenário escolar, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, livros de autores da região como João Brasil Monteiro, Maria Virginia Bastos de Mattos, Ademir Braz, Rildo Brasil, Charles Trocate, Airtton Souza entre muitos outros autores que ao longo de suas trajetórias literárias dedicaram-se em abordar a história da formação do povo do sudeste paraense, em seus diversos segmentos e aspectos, não só ampliando o conhecimento de quem pode desfrutar de seus escritos sobre esta vasta região paraense, mas também sobre a formação do município de Marabá, que há muito é considerada como umas das cidades mais imponentes da Amazônia, lugar forjado pelas mãos de muitos trabalhadores oriundos de várias regiões do Brasil e palco de narrativas que merecem ser disseminadas em nossas escolas.

Um texto literário permite uma ampliação da identidade dos seus leitores, ainda mais quando escritos por pessoas que dividem os mesmos espaços, costumes, valores e crenças de seus leitores, mas sabemos que esses textos não são utilizados e muito menos valorizados pela escola e são de difícil acesso à comunidade acadêmica, como foi percebido na pesquisa de campo realizada, pois apesar de haver muitas obras e escritores locais, muitos alunos desconhecem.

Trabalhar com um material didático tão rico, oportuniza aos alunos aprenderem acerca do ecossistema aqui existente, da importância dos rios e florestas para a sobrevivência, economia e povoamento local, também possibilita uma maior noção de preservação da flora e fauna tão debilitadas pela ação do homem e castigadas pela extração desenfreada do látex, castanhas e metais preciosos e ainda poderão entender como o processo migratório influenciou na vasta formação cultural da região.

As narrativas que abordam nossa formação têm um diferencial interessante na sua construção, que é a de descrever os feitos de pessoas comuns que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da região. No prefácio de seu livro sobre a história de Marabá, Mattos (1996) destaca a importância desses homens e mulheres:

A História de Marabá é a história de nossos pais e avós. É a história do mais humilde castanheiro. Do pescador, do carregador do cais, da mulher que colhe arroz ou quebra coco babaçu, do lavrador que luta na terra, do garimpeiro, do comerciante, da lavadeira da beira do Tocantins [...] o que nós queremos é que, ao ler estas páginas, cada um sinta bem presente a vida de sua família, de seus vizinhos, de tantos que vieram em busca de terra, de trabalho, de estudo para os filhos: a vida do povo de Marabá, suas lutas, suas vitórias. (MATTOS, 1996, p. 9/10).

No entanto, isso só será possível se começarmos a desenvolver no educando essa noção de pertencimento para que venha a se tornar um ser mais consciente de seu passado e de como surgiu o lugar em que vive. É necessário ainda compreender por quê seus antepassados escolheram este lugar como morada, respostas que serão encontradas nas leituras literárias propostas neste projeto, que os aproximarão tanto do passado, de maneira a conseguirem entender o presente. E para que isso fique mais esclarecido, se faz necessário um maior entendimento acerca dos conceitos e pesquisas sobre cultura e identidade, que veremos a seguir.

2 CULTURA E IDENTIDADE: CONCEITOS, IDEIAS E DESDOBRAMENTOS

Antes de se discutir sobre cultura, é necessário entendermos que ela sempre esteve, de forma errônea, conectada à relação dos sujeitos dentro das sociedades, dividindo-os em cultos ou não, com o propósito de fazer uma distinção social e de moldar uma relação de poder, e esse pensamento que antes fazia parte do senso comum, hoje se encontra totalmente ultrapassado, portanto devemos repensar o conceito de cultura.

As novas definições sobre cultura começaram a surgir no final do século XIV, na área da Antropologia, ciência que estuda o tema quanto as relações humanas, ou seja, o que é o sujeito como ser social, sendo que uma das primeiras definições mais teóricas sobre o assunto foi feita por Edward Burnett Tylor, considerado o precursor da Antropologia cultural que define assim *Culture*:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico, [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (TYLOR *apud* LARAIA, 2006, p. 25)

Tylor (2006) é inovador ao caracterizar a cultura como uma relação artificial, ou seja, criada a partir de hábitos que não são produzidos geneticamente, desmistificando a noção de cultura biológica. Para ele, o indivíduo não nasce pronto culturalmente, vai adquirindo-a conforme o tempo e as experiências com seus semelhantes, tendo duas forma de obter essa noção: 1- Assistemática em que se aprende com a própria convivência, como exemplo, podemos citar os sotaques brasileiros, em que o indivíduo absorve o jeito de falar pela própria relação direta com outros povos ou sociedades regionais; e o segundo, chamado de Sistemática, por ser mais organizada é adquirida conforme as necessidades de nossas instituições sociais que são instrumentos reguladores e normativos das ações humanas e criam regras e normas para unificar os cidadãos, como exemplo, temos as leis que regem os convívios dentro de uma sociedade.

Assim, o termo cultura se torna muito mais abrangente e de uma certa forma, acaba atrelado à construção da identidade de cada indivíduo. Não há como dizer que um indivíduo nasce pronto com a sua concepção de mundo e personalidade formadas,

pelo contrário; a vivência em sociedade é que molda e estabelece os processos de solidificação das identidades.

. A cultura é entendida quanto as manifestações humanas que caracterizam e diferenciam cada povo e que vai se modificando e sendo reconstruída a cada momento. Para Pereira (2012) ela vem sendo entendida pelos antropólogos como um conjunto de fatores, dentro de uma diversidade de componentes culturais que fazem parte da existência humana, visto que, só o ser humano tem a capacidade de criar, desenvolver e utilizar de maneira racional tudo o que abarca o sentido de cultura.

Por isso, não há como restringir o conceito de cultura apenas a um fator isolado, ou afirmar que apenas um conceito apresentado soluciona todas as questões antropológicas que perpassam sobre o assunto, é perceptível, que este conceito sofra transformações seguindo diversas opiniões, sendo reconstruída a cada período; podemos dizer que cultura são as formas de organização de um grupo de indivíduos que compactuam de ideais similares e seus costumes e crenças são reproduzidas e passadas ao longo de suas gerações. Todas essas experiências, costumes e hábitos em comum construídos por meio da vivência, são responsáveis pela construção da identidade de um povo.

Assim, a cultura é responsável por definir e diferenciar um grupo de indivíduos que compactuam com os mesmos costumes, manifestações linguísticas e hábitos, é por meio dela que os sujeitos obtêm várias formas de concepção de mundo ao longo do processo histórico e social, e através dela, podem se adaptar ao mundo, assim como também conseguem transformar-se.

Matheus e Duarte (2016), afirmam que para se estudar uma cultura é recomendável abordá-la sem conceitos pré-concebidos e sem comparações prematuras com outras, pois para ele cada cultura é única, representando um todo singular e que os costumes de um povo devem ser contextualizados para serem compreendidos. Segundo ele, toda cultura é representada por um estilo próprio, que influencia seus indivíduos e esses por sua vez, influenciam a própria cultura.

O sujeito se constrói baseado nas suas experiências e convivências, de maneira que é possível compreender que a cultura é um fator determinante na construção da identidade humana, essa é percebida em cada civilização, a sua diferenciação se dá por esse motivo, cada povo tem sua identidade, seus meios e

métodos de trabalhar, conviver, agir e essa interação entre eles, torna-os únicos e ao mesmo tempo diferentes dos demais.

Dessa forma, é válido afirmar que os conceitos referentes ao tema, são pressupostos socialmente construídos, pois a cada grupo social existem características similares que os diferenciam dos demais grupos. Com isso, entender seu conceito é essencial para que se compreenda os diferentes grupos e, consecutivamente, diferentes culturas responsáveis por construir a identidade humana (LIMA, 2015).

Quanto a identidade cultural, a mesma se refere ao sentimento de pertencimento que um sujeito ou grupo tem diante de uma sociedade, o termo “identidade” para um grupo, tem referência direta a noção de reconhecimento/identificação e está atrelada ao que nos constitui como seres sociais, a identidade cultural enfatiza as questões raciais, étnicas e de como um determinado grupo se relaciona com um lugar, desenvolvendo sentimentos, emoções e relações entre os indivíduos que fazem parte desse espaço.

Para o sociólogo e antropólogo Denys Cuhe (1999), professor na Universidade Descartes em Paris e especialista na questão das relações interétnicas, culturais e de migrações internacionais; não podemos confundir as noções de cultura e de identidade ainda que as duas tenham uma forte ligação, pois a cultura pode existir sem consciência da identidade. Para ele, a primeira depende em grande parte de processos inconscientes, já a segunda remete a norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

Assim, a identidade de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social, ela permite que o indivíduo se localize e seja localizado socialmente, é ao mesmo tempo inclusiva como também pode significar exclusão, pois identifica o grupo e ao mesmo tempo distingue dos demais. As raízes seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de forma autêntica, a identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa, senão aderir a ela, sob o risco de tornar-se um ser marginalizado, um “desenraizado”. Vista desta maneira, é uma essência impossibilitada de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou grupo não tem nenhuma influência; a problemática da origem aplicada à identidade cultural pode levar a uma racionalização dos indivíduos e dos grupos, pois para algumas teses radicais, ela está praticamente inscrita no patrimônio

genético. A identidade repousa então em um sentimento de “fazer parte” de certa forma inato.

Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não é mais considerada determinante, mas na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural. Outras teorias de identidade cultural, chamada de “primordialistas”, consideram que a identidade etno-cultural é primordial porque a vinculação ao grupo étnico é a primeira e a mais fundamental de todas as vinculações sociais. O que une essas teorias é uma mesma concepção objetivista da identidade cultural (CUCHE,1999). Trata-se portanto da definição e descrição da identidade a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como “objetivos”, como a origem comum, a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva, o vínculo com o território etc. Sem esses critérios, não se pode reivindicar uma identidade cultural autêntica.

Estas definições são muito criticadas pelos que defendem uma concepção subjetivistas do fenômeno de identidade. A identidade cultural não é uma identidade concebida definitivamente, encarar o fenômeno desta forma é considerá-lo como estático, que remete a uma coletividade definida de maneira invariável, o importante então são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões uma vez que a identidade etno-cultural não é nada além de um sentimento de vinculação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau, mas esse ponto de vista levado ao extremo reduz a identidade a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher suas identificações.

Segundo Cuhe (1999), a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato. Deve-se esta concepção de identidade como manifestação relacional, tentando entender o fenômeno, através da ordem das relações entre eles, onde a mesma é um modo de organização utilizado pelos grupos para gerir suas trocas, considera-se que ela se constrói e se reconstrói constantemente no interior dessas trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que a vê como um atributo original e permanente que não pode evoluir.

A identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais, nem todos os grupos têm o mesmo “poder de identificação”, pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que os liga, nem todos tem a capacidade de nomear e

de se renomear, o conjunto dessas definições funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo, levando a “eticização” dos grupos subalternos, com isso, o estado torna-se o gerente da identidade para a qual ele instaura regulamentos e controle, assim criando a monoidentidade (única), por reconhecer apenas uma identidade cultural para defini-la como nacional, ou seja, uma de referência, a única verdadeiramente legítima, apesar de admitir o pluralismo cultural no interior de sua nação. Essa ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais, sua lógica radical é a da “purificação étnica”.

Com isso, a identidade coletiva é apresentada no singular, na medida em que resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social, considera-la como monolítica faz com que a compreensão dos fenômenos de identidade mista, que são frequentes em toda sociedade seja interrompida. O indivíduo que faz parte de várias culturas, fabrica sua própria identidade, fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas para uma só pessoa. O recurso da “dupla identidade” está ligado às lutas de classificação. Mas, apesar de ser multidimensional, não perde sua unidade (CUCHE, 1999).

A identidade se torna tão difícil de delimitar e de se definir, precisamente em razão desse caráter multidimensional e dinâmico. Nesta perspectiva, é vista como um meio de atingir um objetivo, logo, não é absoluta, mas relativa, assim é sempre resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou indivíduo afirmar por si mesmo; um tipo extremo de estratégia que consiste em ocultar a identidade pretendida para escapar da discriminação, do exílio ou até do extermínio.

Pereira (2012) compreende que, a identidade não existe em si mesma, independentemente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são ao mesmo tempo o produto e o suporte das lutas sociais e políticas. Seu caráter não implica necessariamente uma perfeita consciência dos objetivos buscados pelos indivíduos, toda identificação é ao mesmo tempo uma diferenciação. Nesse processo, o foco principal é a vontade de marcar os limites entre “eles” e “nós” e logo, de estabelecer e em princípio a diferença cultural.

Quando se fala em identidade cultural, não se deve esquecer sobre a noção de hibridismo que remonta a algo misturado, impuro, ou seja, um processo que está ligado a essências e combinações de valores culturais; isso nos remonta ao foco do nosso

trabalho, a formação do sudeste paraense, em que não há como associá-la a uma cultura única, autóctone, pois o que temos é uma mistura de valores que transformaram o lugar em um complexo cultural. É um processo em permanente construção que contraria a visão estagnada de memória, conforme afirma Hall (2004):

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. (...) Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2004, p. 43)

Quando se remonta as questões das identidades culturais, não há como não citar o pesquisador jamaicano Stuart Hall e seu celebre livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, em que relata que o sujeito na modernidade pode ser dividido em três grandes concepções de identidades, que são elas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Sendo o sujeito iluminista ligado ao paradigma da razão, baseado em padrões racionalistas de comportamento, típicos do europeu do Século XVIII; já a partir do século XIX se evidencia uma crença de valores em que há um reconhecimento entre o "eu" e o "outro" que norteia a noção de que pertencemos a mesma comunidade internacional e que o autor denomina de sujeito sociológico. Já o sujeito pós-moderno teria como particularidade a fluidez cultural, em que as características homogêneas das concepções anteriores, já não existem, sendo constituído como um sujeito híbrido, em constante movimento cultural.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2004, p.13)

Para o autor, a cultura sempre esteve associada às questões de identidade, memória e tradições, que permitem aos indivíduos se reconhecerem a partir de elementos simbólicos, comportamentais, de imagens, do jeito de falar e vestir-se, peculiaridades que facilitam a identificação desse sujeito como pertencente a um determinado grupo. Portanto conceituar a cultura como pronta, definida, é algo

complexo, pois encontra-se em permanente construção, conforme explana Stuart Hall (2004) em seu livro.

(...) a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. (...) Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2004, p.43)

Na sociedade moderna, o tema sempre esteve relacionado com a questão dos valores, no que pese essa associação, poderia servir tanto para a valorização intelectual pelas elites, como também para menosprezar toda cultura produzida pelo povo (dita popular), que alguns também denominavam de baixa cultura ou aquelas que sofriam uma "impureza" por se fundirem com outras.

Em seu livro *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, Nestor Garcia Canclini (2003) relata que essa cultura popular não tem o devido reconhecimento, por ter se criado ao longo do tempo uma visão distorcida, portanto não há uma política voltada para sua conservação, num claro processo de exclusão.

"Interessam mais os bens culturais – objetos, lendas, músicas – que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais a sua repetição que sua transformação" (CANCLINI, 2003, p. 211).

Essas culturas rompem com a ideia de pureza, por serem formadas a partir da incorporação de múltiplas outras trazidas pelos sujeitos que se integram ao lugar, e que acabam refletindo na formação da identidade. Essa fusão de diferentes culturas, consiste na mistura de determinados elementos a ponto de não se tornar possível uma identificação a qual pertencem, em um eterno embate na busca por tentar entender essa situação.

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os "tradicionais" e "modernos" como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural,

agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HALL, 2004, p.71)

Hall (2004), destaca que as identidades se encontram em permanente construção e alguns fatores são determinantes para que isso aconteça; como a mobilidade de pessoas, o surgimento da tecnologia, os lugares, as etnias, os gêneros, nações, classes sociais e formas de discursos, elementos que tornam-se decisivos para a complexidade desse processo e criando a chamada “crise de identidade”.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2004, p.7)

Para Homi K. Bhaba (2003), essa construção é marcada pela instabilidade gerada pelas diferenças culturais, pois o sujeito ao construir sua imagem, acaba negando a identidade do outro.

Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie de reflexo narcísico do Um no Outro, confrontados na linguagem do desejo pelo processo psicanalítico de identificação. Para a identificação, a identidade nunca é um *a priori*, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade. As condições discursivas dessa imagem psíquica da identificação serão esclarecidas se pensarmos na arriscada perspectiva do próprio conceito da imagem (...). O acesso à imagem da identidade só é possível na *negação* de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar. A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência perda. (BHABHA, 2003, p. 94-95, grifo do autor)

Essa instabilidade deve-se muito em relação aos deslocamentos constantes de pessoas, provocando esses conflitos de identidades. O processo migratório, muitas vezes do campo para as cidades, acaba afastando o sujeito de suas tradições, em consequência, ele acaba rompendo com o passado que determinava uma identidade mais sólida. Com o avanço da tecnologia, se acentua essa condição, motivada

principalmente pela modernização e pela necessidade de utilização das mídias eletrônicas como o rádio, a TV e a internet para a comunicação. Hall destaca como essas mudanças na sociedade interferem no processo cultural.

Os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”. Entretanto, o espaço pode ser “cruzado” num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite. Harvery chama isso de ‘destruição do espaço e do tempo’. (HALL, 2003, p.73)

Para Canclini (2003), essa tecnologia é ao mesmo tempo aliada na homogeneização de uma única cultura, como também serve para manutenção de múltiplas outras, onde o rádio e a televisão exercem papéis significativos quanto a isso, sendo que o primeiro possibilita uma abrangência maior a determinadas culturas e regiões, mantendo viva as tradições e costumes; já a televisão exerce um papel mais homogêneo por direcionar seu conteúdo de maneira uniforme a uma parcela muito maior de pessoas.

Portanto, a identidade cultural é resultado de um processo amplo e complexo, envolvimento de inúmeros fatores que corroboram para sua constante ressignificação, motivada, muitas vezes, pelo contato de um grupo ou indivíduo com outra cultura, tendo como resultado o que os estudiosos denominaram de Hibridismo cultural. Na contramão disso, encontram-se aqueles que detêm o poder e como forma de mantê-lo, criam ferramentas de controle, entre eles o da concepção de uma identidade nacional que trabalha como instrumento ideológico de um povo ou nação, esse controle busca reunir em uma só identidade, todas as diferenças culturais encontradas, com o intuito de manter a homogeneidade e o poder. Encontrando nos meios de comunicação e na modernidade, um forte aliado para tentar essa unificação.

Para Bhabha (2003), a construção narrativa e discursiva de nação é provisória, inacabada. Portanto, objeto de constante embate político, entre as diferenças que necessitam ser reunidas em uma só unidade.

Uma vez que a liminaridade do espaço-nação é estabelecida e que sua “diferença” é transformada de fronteira “exterior” para sua finitude “interior”, a ameaça de diferença cultural não é mais um problema do “outro” povo. Torna-se uma questão da alteridade do povo-como-um. O sujeito nacional se divide na perspectiva etnográfica da contemporaneidade da cultura e oferece tanto uma posição teórica quanto uma autoridade narrativa para vozes marginais ou discursos de minoria. (BHABHA, 2013, p.244)

Mesmo com tudo isso, existem aqueles que tentam manter suas tradições culturais, com seus mitos, lendas e narrativas sobre o passado, fragmentos que são constantemente motivados para que não sejam silenciados ou esquecidos, principalmente pela globalização que representa a força, o equilíbrio econômico e a estabilidade social e que na visão de muitos sujeitos, é um chamariz que motiva-os a terem acesso a uma gama enorme de bens de consumo e produtos, instigando a migração e interferindo na manutenção dessas tradições.

A globalização além de facilitar o processo migratório, faz surgir vários problemas decorrentes, como falta de moradia para a população excedente, qualificação profissional, escassez de empregos, aumento da violência e, principalmente a marginalização do migrante, colocando em risco essas memórias.

Hall (2004) procura medir como esses deslocamentos afetaram a relação entre o indivíduo e seu mundo social e cultural, fazendo uma reflexiva colocação sobre alguns motivadores para que esse movimento ocorresse.

O movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) tem uma correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração "não planejada" da história recente. Impulsionadas pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela guerra civil e pelos distúrbios políticos, pelo conflito regional e pelas mudanças arbitrarias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na "mensagem" do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os "bens" e onde as chances de sobrevivência são maiores. Na era das comunicações globais, o Ocidente está situado apenas à distância de uma passagem aérea. (HALL, 2004, p.81-82)

Segundo Burke (2003, p.18) o hibridismo cultural, se for visto pelo lado negativo, pode implicar na "perda de tradições regionais e de raízes locais" e também se tornar um instrumento de manutenção dos que estão no poder, mas ao mesmo tempo pode ser colocado como sinônimo de encontro cultural, que desperta a criatividade e inova. Isso demonstra um conceito, no mínimo, ambíguo sobre o tema. É por esse viés positivista, que Nestor Garcia Canclini (2003) embasa seus estudos, pois para ele a hibridização consiste num tipo de mescla que renova a cultura, produzindo novos sentidos, pois acaba sendo um processo que permite a

sobrevivência de culturas remotas misturadas à cultura popular, num claro processo de modernização.

Los países latino-americanos son actualmente resultado de la sedimentación, yuxtaposición y entrecruzamiento de tradiciones indígenas (sobre todo en las áreas mesoamericana y andina), del hispanismo colonial católico y de las acciones políticas, educativas y comunicacionales modernas. Pese a los intentos de dar a la cultura de elite un perfil moderno, recluyendo lo indígena y lo colonial en sectores populares, un mestizaje interclassista há generado formaciones híbridas em todos los estratos sociales. (CANCLINI, 2003, p 71)

Como vimos, são muitos os fatores que promovem a hibridização cultural, mas os deslocamentos motivados pelas migrações são os que mais possibilitam a formação de novas sociedades com culturas denominadas “mistas”, essas sociedades acabam se formando de maneira tensa e conflitantes, pois para os indivíduos há sempre a sensação de não está no seu lugar de origem, tendo que adotar valores e práticas culturais do espaço onde se encontram, acarretando momentaneamente a sensação de estranheza.

Esse estudo sobre culturas de migração é mais aprofundado pelo crítico literário Homi K. Bhabha, em seu livro *O local da cultura*, que define a cultura “como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social”. Ela se torna um lugar de enunciação, de muitas negociações culturais, segundo Bhabha (2003) todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, pois ao deixar seu lugar de origem, torna-se diferente.

A partir dessa problemática, surge o conceito de “*Entre-lugar*” que seria o eixo entre o lugar onde se está no momento e o lugar de origem, que surge a partir do fluxo de sujeitos indo e vindo a todo momento, provocando uma intensa troca de mercadorias, experiências, informações, capital e bens de consumo, mas também servindo para acentuar as desigualdades e conflitos, como vimos anteriormente.

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a laboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria identidade. (BHABHA, 2003, p. 20)

É um espaço móvel, de passagem, repleto de diferenças culturais, discordâncias ideológicas e experiências, promovidas por essa movimentação de pessoas que interagem entre si, numa troca constante de informações, que acaba resultando numa lacuna entre o “eu” e o “outro”. Essa instabilidade acaba marcando o sujeito, gerando conflitos na sua identidade. O migrante carrega consigo as experiências de lugares, memórias e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, podendo pertencer tanto ao seu lugar de origem quanto a outro em que se encontre momentaneamente. Essa mobilidade humana faz com que nasçam novas culturas, formadas por elementos culturais adquiridas de outras preexistentes, ressignificando o espaço, contrapondo-se a construção de discursos homogeneizantes.

Nesse constante fluxo transitório não há espaço para uma única cultura, mas várias, Isso acontece de forma tão acentuada que não há como separar elementos culturais de uma ou de outra que surgem nesses espaços, o que acaba gerando conflitos e disputas de interesses tanto individuais, como coletivos. Transformando a cultura num campo de batalha, O que Bhabha (2003) denomina de agonísticas (de luta), por se tratar ao mesmo tempo de imposição da autoridade e discurso de resistência, este último muitas vezes marginalizado pela cultura predominante que está no poder.

A exemplo disso podemos citar a própria formação da região Sudeste do Pará, marcada pela itinerância e mobilidade de sua população, o que gerou ao longo da história, conflitos e choques culturais em todo o espaço, em que a luta de classes por uma afirmação cultural sempre esteve em evidencia, ocasionados pelo hibridismo culturais

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procuram conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (BHABHA, 2003, p.20)

Podemos citar os coletores de castanhas (também chamados castanheiros), que vinham de longe (região nordeste) para aventurar-se nas matas úmidas, sombrias e perigosas da região, em busca de uma vida melhor, deixando suas famílias no lugar

de origem, numa clara intenção de não perder o vínculo com o lugar. Mas aqui encontravam-se num verdadeiro embate contra outras culturas preestabelecidas e que tentavam manter suas tradições (como a população indígena), esses sujeitos migrantes, na sua maioria, eram pessoas sem formação escolar, analfabetas, em situação de vulnerabilidade, por isso, eram facilmente enganadas pelos senhores, donos dos castanhais que detinham o poder e uma formação intelectual mais elevada e de mais prestígio dentro da sociedade, diferenças que acabavam por hierarquizar a cultura.

Assim como os migrantes que estavam em constante movimento, a cultura também seguiu esse fluxo, esse constante ir e vir produziu essa cultura irregular e incompleta de sentidos, está por sua vez é caracterizada na luta pela sobrevivência - estar em luta significa estar em movimento constante - com isso, o espaço sofria mudanças. O castanheiro – assim como outros sujeitos sociais da região - representam essa dualidade de construção e reconstrução de uma identidade, por meio das vivências e contato com os mais variados grupos, ele se vê fora do seu espaço de origem e tendo que adotar a cultura do lugar que se encontra, gerando conflitos sociais, motivados pelas diferentes concepções de vida e visões de mundo.

Outra autora que faz uma abordagem interessante acerca da questão da cultura na sociedade contemporânea é Maria Elisa Cevalco (2003), em sua obra *Dez Lições sobre Estudos Culturais*, a autora discute a diferenciação entre *Infraestrutura* e *superestrutura*⁵ como possibilidades de compreensão das realidades do processo cultural, além de mencionar a existência de uma cultura idealizada para a minoria da população e aquela projetada para a massa popular, mostrando o funcionamento da máquina cultural voltada para públicos específicos, sendo assim um ponto de mutação e trazendo como exemplo, a Inglaterra considerada como o berço cultural da

⁵ A partir do materialismo histórico, Marx desenvolveu dois conceitos importantes para compreensão da organização da sociedade capitalista e sua estrutura social, apontando a sociedade como composta por dois elementos fundamentais.

Infraestrutura - para Marx, a infraestrutura constitui o conjunto onde está a base econômica da sociedade; portanto a economia, as formas de produção, as relações de produção e as relações de trabalho, estas marcadas pela exploração da força de trabalho no interior do processo de acumulação capitalista. A infraestrutura, assim, constitui o conjunto formado pela matéria-prima, pelos meios de produção e pelos próprios trabalhadores (onde se dão as relações de produção: empregados-empregados, patrões-empregados).

Superestrutura - é a projeção, a expressão cultural, das formas e relações de produção; ou seja, é a expressão cultural da infraestrutura. Assim, a superestrutura é fruto de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio [econômico, político e social]. É composta pela estrutura jurídico-política e a estrutura ideológica (Estado, Religião, Artes, meios de comunicação, etc.).

humanidade, onde o marxismo britânico está inserido no contexto do marxismo ocidental, gerando intelectuais que tentaram por meio da cultura compreender a sociedade na qual estavam inseridos, buscando assim explicar o mundo.

Cevasco (2003) também orienta que, no processo de criação da cultura, alguns grafocratas preferiam apenas textos com linguagem culta, fazendo assim com que os estudos estivessem voltados para a criação de conteúdos para as grandes massas econômicas, fundamentalmente culturalizadas. Com isso a produção de conteúdo cultural é defendida pela autora, haja vista que para ela; a valorização acerca da produção desse conteúdo, deve levar em conta fatores diversos, inclusive o conhecimento local, autores com um nível maior de conhecimento cultural, precisam ser valorizados, mas a produção de conteúdo cultural deve ser aplicada em toda a vivência local de um povo, obedecendo a sua cultura. Homi K. Bhabha (2003), também sugere que a literatura torne-se a ponte para o reconhecimento de novas culturas.

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de “alteridade”. Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. (BHABHA, 2003, p.33)

O próximo capítulo irá abordar exatamente esse contexto: a cultura local, a história e identidades do Sudeste do Pará, buscando a valorização de tudo o que é criado nessa região, com o propósito de divulgar as produções literárias aqui produzidas, tanto nas escolas quanto para o conhecimento da sociedade em geral.

3 ENSINO DE LITERATURA: QUESTÕES IDENTITÁRIAS, CULTURAIS E METODOLÓGICAS

O ensino de literatura permite a abordagem de diversos conteúdos a partir de múltiplos olhares, em cada situação existe um ensinamento, uma abordagem cultural de um povo, de uma época ou de um lugar, esses fatores permitem que o ensino dessa disciplina aconteça de maneira a preparar os alunos para o conhecimento acerca dessas vertentes e de forma a desenvolver o seu nível de entendimento cultural.

No entanto, para que o ensino de literatura possa ocorrer de maneira eficaz, é preciso que a escola trabalhe a forma como o ensino dessa disciplina ocorre, isso deve acontecer de maneira a não ensinar apenas a racionalidade do saber científico que se baseia na busca por resultados que acabam homogeneizando os sujeitos, como também se desapegar dos resultados que geralmente são crivados pela sistematização do ensino, ou seja, do saber “ler” e “escrever” dos alunos, é preciso formar cidadãos-leitores críticos e perceptivos da sociedade em que estão inseridos, além de bons conhecedores da cultura, especialmente aquela que representa suas origens.

A leitura sempre esteve associada à aquisição do conhecimento e a escola sempre foi a principal responsável por inculcar no jovem em processo de formação, esses preceitos, tudo começa a partir das obras literárias disponíveis dentro desta instituição de ensino, possibilitando-lhes um olhar diferenciado em relação ao seu papel dentro da sociedade, respeitando e valorizando as diferenças culturais e povos existentes, conforme concretiza os parâmetros curriculares nacionais (PCNs).

[...] A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça, equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social. (BRASIL/PCNs, 1998, p. 129).

Através da leitura de obras que tratam de temas relevantes, é possível ampliar a noção de mundo dos aprendizes e torná-los seres mais conscientes de sua participação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, desarmando-os de qualquer tipo de preconceito estabelecido ao longo do tempo por questões

históricas, culturais e sociais; por serem tratadas de seres em desenvolvimento e que necessitam de uma autoafirmação para construir suas identidades.

O texto literário deve ser visto com maior amplitude e não servir apenas como um modelo pré-concebido de saber. O texto é contexto, portanto deve fazer parte integrante da realidade social do aluno. É onde tem a oportunidade - muitas vezes única - de se deparar com a grande diversidade de obras referentes a sua cultura e a partir da leitura destas, moldar uma nova visão do mundo que o cerca, despertando-lhe a noção de pertencimento.

Atualmente o que vemos é uma literatura em declínio no seu modo de ensino/aprendizagem, não despertando o interesse devido e se tornando fatigada por não contemplar a amplitude do saber literário. Cosson (2018) faz essa afirmação em sua obra.

O certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudista do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. (COSSON, 2018, p. 23)

Compete ao professor, como intermediador do conhecimento, mostrar a este jovem que existe uma produção literária importante que tem como principal foco, fortalecer a noção de identidade e estreitar os laços com a história, o espaço e tempo, pois é através dela que se encontrará subsídios para se tornar um cidadão mais crítico e consciente do mundo a sua volta, ou seja, mais humanizado.

[..] Essa humanização se dá pelo fato da literatura proporcionar um efeito duplo no leitor onde este o remete a fantasia trazendo situações não reais que instiga o leitor a um posicionamento intelectual, assim mesmo distante de sua rotina a literatura leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e incorporar novas experiências. É durante o processo de leitura que o leitor entra em contato com diferentes culturas instigando assim a compreensão de seu papel como sujeito histórico. (MATHEUS; DUARTE, 2016, p.2)

Partindo dessa premissa sobre literatura e sociedade - texto e contexto - como elementos indissociáveis, pois são espelhos do meio em que são criados, Candido (2006, p. 13) preconiza que “O externo (no caso, o social) importa, não como causa,

nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno”.

3.1 O ensino de literatura e a valorização da história e das culturas locais

O escritor João Brasil Monteiro (2001) é enfático ao afirmar a necessidade de se conhecer a história local que muitas vezes é negada por descaso ou falta de políticas públicas voltadas para o incentivo da literatura da região, tão rica em informações históricas e culturais sobre a formação do povo, mas menosprezada como objeto de aprendizagem dentro da escola.

Uma região que não conhece sua história ou a relega para segundo plano, jamais conseguirá se auto afirmar, pois irá faltar-lhe sempre a dignidade de sua origem, o conhecimento de sua formação, do seu nascimento em tempos remotos, muitas vezes baseado na determinação, nos sonhos, na saga, no trabalho e no destemor de seus primeiros habitantes. (MONTEIRO, 2001, p.9)

A partir dessa afirmação, se faz necessário incorporar dentro do currículo escolar, obras que retratem os processos de identificação cultural, partindo de uma proposta que possibilite essa inclusão de maneira satisfatória e eficaz e que enalteça os autores e obras, assim como os feitos dos anônimos que muito contribuíram para o crescimento da região Sudeste do Pará. Baseada na introdução e influência de outras culturas; trazidas ao longo do tempo pelos que aqui vieram em busca de uma vida melhor nos diversos ciclos da economia (extração do látex, castanhais, garimpos, jazidas de minérios e pecuária.) e acabaram se fundido com a dos nativos da região.

Essa cultura não é uniforme, ela sofre modificações a partir do contato entre indivíduos de culturas diferentes, que se fundem ao ponto de não conseguirmos identificar a qual pertencem, num processo híbrido. Em processo permanente de interação, conforme Hall (2011) destaca:

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os "tradicionais" e "modernos" como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HALL, 2011, p.71)

Essa relação entre cultura/identidade influenciada por fatores intra e extraterritoriais, são melhor aprofundadas pelas contribuições de Bhabha (2001) que

analisa como se dá na prática essa concepção de cultura híbrida em que uma adquire traços de outra.

“Prática” no nosso conceito pode ser definida como atitudes resultantes do caráter humano de um indivíduo ou da mentalidade coletiva de uma sociedade ou grupo social, estando diretamente ligado a influências institucionais, na medida em que a prática se constitui enquanto uma alternativa de continuidade da existência de determinados costumes dentro de algo maior que seria as estratégias estabelecidas. Trata-se de uma mistura idiossincrática que podem ser identificadas em diversos setores da sociedade como a religião, a música, no esporte e na linguagem (esclarecemos que neste ponto linguagem se refere a oralidade, e não a literatura, pois esta se constitui enquanto artefato) entre outros semelhantes (BHABHA, 2001, p. 246).

Para Silva (2018), a escola tem como função a formação de leitores capazes de desenvolver uma ótica crítica a respeito do mundo, mas o que se vê na verdade é que a leitura tem sido feita de maneira superficial, consumista, deixando de lado os debates, as experiências, interpretações e as inferências feitas pelos alunos, prejudicando o desenvolvimento cognitivo deles.

As contribuições que esta pesquisa pode proporcionar vão além dos muros escolares, possibilita uma visão nova de todo o processo de formação da criança e do adolescente, despertando-lhes um olhar mais crítico e reflexivo. Vygotsky (2013) destacou em sua teoria Socioconstrutivista que a formação se dá pela interação homem/sociedade, ou seja, a interação social interfere de maneira significativa no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, e a literatura pode servir como ponte para despertar essa interação e formação.

São muitos os motivadores que podemos elencar neste trabalho sobre o que leva um aluno a eleger a escola como principal ponte para sua ascensão: a expectativa de conseguir um bom emprego, a esperança de melhorar de vida, independência econômica, a de servir de exemplo para outros e a elevação da autoestima, Mas o maior motivador que faz da escola tão importante para um indivíduo é a necessidade de criar uma identidade.

As obras que serão trabalhadas pelos alunos abordam as relações entre o local onde foram produzidas, seus atores e a formação de uma cultura assentada nessa relação em que o discurso historiográfico fomenta a valorização das tradições, dos vários tipos de narrativas populares, das práticas sociais e dos sujeitos ao longo do tempo.

3.2 Literatura: algumas reflexões e apontamentos

A literatura (do latim *littera* que significa *letra*) surgiu nos primórdios da humanidade, quando o homem ainda não usava a escrita como forma de comunicação, eram nômades e acreditavam nas divindades e cultos religiosos como forma de amenizar as forças da natureza, as tradições eram passadas de geração a geração de forma oral e a partir dos desenhos nas paredes das cavernas (arte rupestre) que representavam símbolos e figuras humanas, começou a se registrar o que seria o surgimento da escrita.

O conceito mais antigo usado pelos estudiosos literários é o do filósofo grego Aristóteles que a definiu como “uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras (mimese)”, dividindo-a em três categorias ou grupos: Épico, Lírico e dramático.

Tayassu (2011) orienta que, na contemporaneidade essa definição caiu em desuso, em virtude das transformações pelas quais vem passando, sendo necessário deliberar critérios que afirmem se uma obra é ou não literária. Isso ocorre haja vista que se considera literatura toda manifestação que utiliza a linguagem como expressão estética que produza sentido a algo que toque com beleza e sensibilidade.

Compagnon (2009) em sua aula inaugural no Collège de France fez um questionamento que há muito inquieta o pensamento daqueles aficionados ou que dela já fizeram objeto de estudo. Literatura para quê? indagação que se tornou um pequeno livro que é quase unânime para que os estudantes tenham um melhor entendimento acerca do assunto. Nele o autor enfatiza que a literatura é vital para a sobrevivência e sucesso, tornando mais fácil o convívio em sociedade para aqueles que dela detêm o conhecimento.

Lemos, mesmo sem ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...] aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. Além disso, supôs-se por muito tempo que a cultura literária tornasse o homem melhor e lhe desse uma vida melhor. (CAMPAGNON, 2009, p. 35)

No caso desta pesquisa em questão, o entendimento de Compagnon (2009) é tido como uma forma de valorizar o estudo da literatura de maneira a contribuir para

a descoberta da sensibilidade humana. Em se tratando do estudo da literatura Amazônica, como forma de conhecimento acerca das origens dos indivíduos de uma determinada localidade, estimula-se o desenvolvimento cultural dos alunos e a valorização de tudo aquilo que foi criado afim de promover a cultura local.

De acordo com Antônio Candido (2006) a literatura é uma necessidade universal, pois a criação ficcional passa a ser um componente da nossa visão de mundo e, portanto, tendo várias funções que propiciam ao indivíduo esse equilíbrio. Como no caso da própria ficção, criada com o intuito de satisfazer a necessidade humana no que se refere a fantasia e ao imaginário que são imprescindíveis para sobrevivência, é a motivadora de diversas manifestações culturais, ela nos transporta para um mundo criado, idealizado na mente humana, importante para a estabilização psicossocial da nossa sociedade. Diferente de outros métodos de ensino, a literatura age de forma livre, não havendo a obrigatoriedade de demonstrar o que é certo ou errado, o leitor tem autonomia para decidir e por isso é considerada a expressão máxima de uma cultura.

Antônio Candido (2002) também enfatiza sobre a ação humanizadora da literatura ao afirmar que "[...] não corrompe, nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver" (CANDIDO, 2002, p. 85). Por mais que trabalhe com a ficção, ela tem uma função formadora e educacional, pois sempre há algo que nos modela a realidade, moldando-nos a viver dentro de uma sociedade e também compreende a literatura como um processo de evolução e conhecimento do homem com a sociedade no qual está inserido. Nesse caso, o estudo da literatura é uma forma de trabalhar o desenvolvimento do conhecimento acerca das origens dos alunos, permitindo assim a produção de conhecimento acerca da localidade onde nasceram.

A literatura é capaz de promover uma aprendizagem plena, oferecendo a quem dela faz uso, um leque enorme de competências e habilidades que são desenvolvidas a partir da leitura, aflorando os mais variados sentidos e sensações que despertam um senso crítico mais aguçado em relação ao mundo, porque tudo passa pela arte das palavras. Trabalhar com uma que aproxima o leitor do mundo que o cerca, dando-lhe a noção de que está intimamente ligado ao escrito, certamente tem um impacto significativo na sua percepção sobre a realidade, ao fazer uso de uma leitura mais próxima, ele se depara com algo que conhece bem.

Peculiaridades que reforçam na mentalidade, a forte noção de também pertencer ao lugar, isso é possível quando nos deparamos com autores que dedicam sua vida a mencionar os feitos dos antepassados, que remontam a formação de seu povo e sua cultura, com narrativas simples que misturam ficção e realidade, abordando a história em forma de prosa e poesia, usando uma linguagem acessível, falando de pessoas humildes e anônimas que tiveram relevância na formação da região, mostrando também que o homem está intimamente ligado a natureza, e a partir dessa junção, possibilitar o surgimento das mais variadas narrativas que não tem apenas valor didático, mas também nos fazem refletir sobre nosso papel histórico, cultural e social.

As obras literárias do Sudeste paraense abordam temas peculiares como o povo, os costumes, suas riquezas naturais e a floresta; colocando-os em primeiro plano, enaltecendo os feitos, costumes, crenças, a cultura e o modo de vida do lugar; usando uma linguagem simples que colocam em sintonia texto e leitor, remontando um passado há muito esquecido e que não são explorados dentro do espaço adequado – a escola - Homens e mulheres que despendem seu tempo e dedicação em pesquisas sobre este vasto pedaço da Amazônia, com o propósito de deixar um legado cultural imprescindível para as futuras gerações, cabendo a nós, professores, não permitir que caíam no esquecimento.

O autor João Brasil Monteiro foi um dos que dedicou sua vida à literatura; homem simples, mas de grande sabedoria que buscou pesquisar informações históricas da região para compor livros como: *Fique por dentro, Viagem ao Tocantins e Araguaia, O castanheiro, Do capotão ao poliuretano, O garimpeiro, Marabá caminhos das águas e Pegadas de um paraense.*

Um resgate do passado, com obras que poderiam ser facilmente trabalhadas em qualquer disciplina escolar como fonte de material informativo e antropológico; usando uma linguagem acessível e com descrições peculiares da região, suas narrativas são recheadas de traços culturais que solidificam a identidade regional, como o exemplo de um trecho extraído do livro “O Garimpeiro” que contém marcas de transitoriedade geográfica, dialetos próprios da região e de crenças populares, conforme descrito no anexo - A.

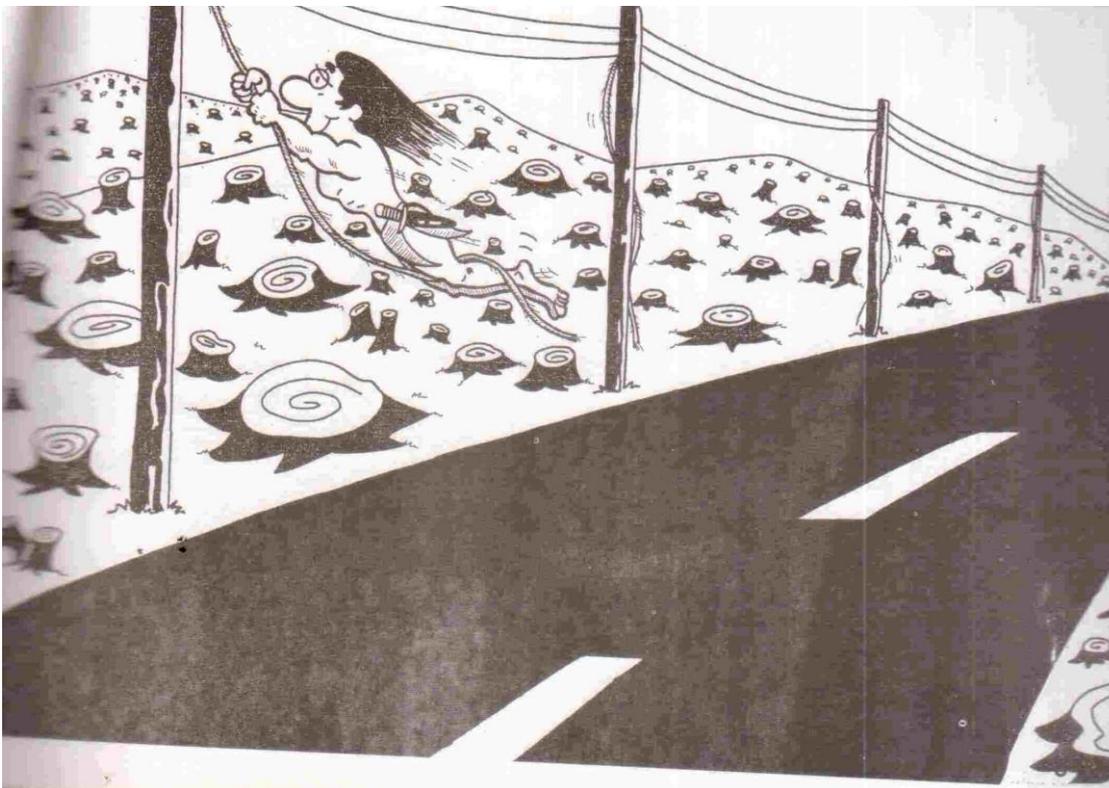
Inspirando pelo pai escritor, Joao Brasil Filho também compôs poemas enaltecendo os garimpeiros de Serra Pelada (localizada no município de

Curionópolis), a grande responsável pelo boom demográfico e populacional da região Sudeste do Pará, destacando os feitos desses desbravadores que vieram de todos os cantos do Brasil em busca de fortuna.

Outro que merece destaque é o ilustrador e cartunista Rildo Brasil que muito contribuiu com suas charges, caricaturas, desenhos e cartoons, utilizando de um humor simplório, trouxe à tona temas polêmicos como a violência no campo e na cidade, o desmatamento, a poluição, o crescimento desordenado das cidades, a pobreza da maioria da população, a grilagem de terras e os fenômenos da natureza que tanto castigam o sudeste paraense (como enchentes e queimadas).

Suas obras são inspiradas pelas experiências na região, contribuindo para um perfil transitório, ao viver em lugares como Jacundá, Tucuruí, Marabá, além de ter vivido na capital do estado, Belém. Momentos da nossa história, expostos com muito humor e dedicação e apesar da grandeza de seus trabalhos - sendo premiado nacional e internacionalmente - nunca teve o devido reconhecimento de sua gente. Abaixo apresentamos uma charge referente a um tema comum na região.

Figura 7 – Devastação da Floresta



Fonte: BRASIL (1999, n.p.)

São inúmeros os autores que podem contribuir para o processo de aquisição do conhecimento, com suas histórias e poesias que tem como pano de fundo o próprio Sudeste paraense com suas belezas naturais, seus conflitos, riquezas e cultura, proporcionando a fusão do leitor/texto lido, numa mistura singular que se enraíza na concepção de mundo dos que se deleitam com obras como as de Ademir Braz, Airton Souza, Abilio Pacheco, Janailson Macedo, os irmãos Augusto e Frederico Morbach, Charles Trocette, Rosana Salame entre outros talentos que dedicaram suas vidas a contar as histórias dessa região e seus personagens anônimos.

Maria Virginia Bastos de Matos em sua obra *História de Marabá* nos deleita com uma retrospectiva histórica e informativa da formação não só da cidade de Marabá como também da região, pois há uma interligação forte entre as cidades que aqui surgiram. Fazendo um relato minucioso desde os povos indígenas com sua trajetória de sofrimento e resistência, do processo de colonização a partir dos ciclos da borracha (caucho) e da castanha, sobre a criação de latifúndios para pecuária, dos grandes projetos como a Estrada de Ferro Carajás e a Hidrelétrica de Tucuruí, da força devastadora da natureza (as enchentes) até o surgimento do garimpo de Serra Pelada, responsável por triplicar a população da região. Um material completo de caráter didático/Pedagógico que merecia estar no currículo escolar de forma perene. Como exemplo, temos o interessante relato sobre o modo de vida e costumes do povo indígena Suruí, conforme anexo - B.

Isso nos faz refletir o quanto perdemos em não oportunizamos aos jovens estudantes esta literatura do Sudeste paraense. São muitos os autores e obras que podem contribuir para que essa identidade tão miscigenada não se perca, a noção de pertencimento impregnada nas narrativas aproxima e deixa mais evidente o quão rica é a cultura desse povo, a literatura como suporte, pode proporcionar essa interação homem/sociedade/natureza, tornando o indivíduo mais consciente e participativo e ao mesmo tempo desperta o senso crítico e reflexivo para o mundo que o cerca.

3.3 Ensino-aprendizagem de literatura

A literatura é a representação mais concisa da cultura de um povo e está presente em todas as sociedades, é através do seu ensino que se pode criar pressupostos para a compreensão e amplitude de um determinado período histórico,

partindo dessa premissa, tentaremos abordar a questão do ensino-aprendizagem de literatura na contemporaneidade, levando em consideração seu aspecto formador e sua função social.

É válido ainda abordar os entraves e os problemas enfrentados pelos professores de literatura na rotina estudantil, a leitura é vital para a vida em uma sociedade letrada e a todo momento nos confrontamos com as mais diversas formas de representações escritas, sendo necessário que estejamos preparados para fazermos essa leitura de mundo, cabendo a escola promover e dar suporte para o desenvolvimento cognitivo do aluno nas etapas que englobam esse processo interacionista, sendo que aqueles que não tiveram acesso à escola estarão inevitavelmente excluídos na dinâmica das relações sociais.

A colocação de Cagliari (2004) também é de grande relevância para essa noção de importância da leitura na formação do aluno, conforme a transcrição a seguir:

A atividade fundamental desenvolvida para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair bem em outras atividades, mas foi um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (CAGLIARI, 2004, p. 146)

A partir dessa concepção, o ensino de literatura deve ganhar novas perspectivas, pois é a porta de entrada para a aquisição do conhecimento. Cosson (2010) ressalta essa relação literatura-educação:

Todos nós estamos acostumados à presença da literatura na escola. Por isso, reivindicar um espaço para a literatura em sala de aula, como vamos fazer aqui, pode parecer desnecessário. De fato, a relação entre literatura e educação é tão antiga que se confunde com a ideia de civilização. Antes mesmo dessas duas práticas serem assim denominadas e adquirirem o sentido que possuem hoje para nós, a literatura já era usada como matéria de formação. Ensino e aprendizagem em diferentes culturas. (COSSON, 2010, p. 55)

Mas o que tem se visto atualmente é um ensino de literatura direcionado sob uma única ótica, que tem como principal objetivo, o de apenas ensinar a língua, gerando uma grande insatisfação na maioria dos alunos que não conseguem explorar

toda a potencialidade que um texto literário pode oferecer, Trazendo à tona uma relação entre literatura e educação longe de ser pacífica, de acordo com Cosson (2018):

[...] o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis. Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inercia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX e que já não tem razão de ser no século XX. (COSSON, 2018, p.20)

Cosson (2018) ainda relata alguns fatores que contribuíram para a recusa da literatura dentro da escola.

A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre outras tantas características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de uma literatura na escola atual. (COSSON, 2018, p. 20).

Já para Todorov (2009) é necessário que se tenha uma nova visão do ensino de literatura, muito mais extensa do que possa parecer:

Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atentarmos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto; não apenas os meios não devem se tornar o fim, nem a técnica nos deve fazer esquecer o objetivo do exercício. É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto antes, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre a sociedade a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. (TODOROV, 2009, p 33)

A leitura literária desperta no aluno seu senso crítico - muitas vezes ainda inexplorado, pois quando confrontado com o texto, afloram reflexões e questionamentos que traspassam a sociedade e reconstroem valores antes pré-concebidos. Essa perspectiva permite uma recriação de uma nova realidade, mais autônoma, daí sua relação na formação sócio histórica do educando.

Zilbermam (2008) afirma em seus estudos que o texto literário amplia o poder cognitivo, proporcionando um maior entendimento da realidade através da fantasia:

O texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade de um indivíduo;

e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas. (ZILBERMAN, 2008, p.17)

É preciso saber decodificar os sinais que formam o universo da escrita, pois o entendimento das coisas mais simples até as mais complexas, repassam em reconhecer os códigos da linguagem, e os que não tem esse poder estão fadados a serem enganados e menos valorizados pelos demais que detêm a capacidade da leitura. Todo esse conhecimento se aprende na escola, através dos textos literário, ela tem a seu favor a possibilidade de fornecer ao estudante uma grande variedade de textos literários, principalmente para aqueles oriundos das camadas de menor poder aquisitivo, é neste ambiente privilegiado que terão contato com uma diversidade enorme de textos que falam da cultura.

A relação entre escola e cultura não devem ser construída de maneira isolada, a partir de uma relação de independência, mas como fenômenos intrinsecamente ligados e capazes de modificar o pensamento dos educandos. Nesse processo, a cultura exerce um papel significativo, pois tem a missão de formar indivíduos críticos e conhecedores de suas origens.

Candido (2002) ressalta que cabe ao professor de Língua Portuguesa a responsabilidade de criar metodologias que diminuam a visão pessimista criada por um ensino de literatura defasado, que nos moldes atuais não tem contemplado o contexto histórico, cultural e social na sua totalidade, pois a todo momento somos questionados com o porquê de se estudar literatura e qual a sua importância no contexto atual? Essas dúvidas tem surgido continuamente no âmbito escolar, e isso se deve em parte pelos avanços tecnológicos e pelas mudanças no modo de ensino dessa disciplina, o que se precisa entender é que há na literatura, um caráter humanizador que está ligado a ela intrinsecamente, portanto devemos ter uma visão de que a literatura não tem só como finalidade o ensino de textos, de autores, nem apenas apreciação estética ou estrutural, se faz necessário desconstruirmos essa imagem limitada, em que nada agrega para a vida plena em sociedade. Antônio Cândido quando fala em direito à literatura, não se refere aos textos canônicos ou

clássicos universais, mas ao direto de pensar, de se posicionar, de fabular, ela é um arcabouço de conhecimentos, é o lugar onde se forma o ser humano.

A literatura apela para a sensibilidade humana, deixando mais claro comportamentos e atitudes, traz à tona o poder libertador da ignorância, dos preconceitos e molda uma nova visão do mundo. As sensações provocadas pelas obras literárias no ser humano o fazem perceber melhor seus costumes, tradições e ações, tornando-o um ser reflexivo e mais consciente dentro da sociedade em que vive. Isso será mais bem explorado no capítulo seguinte que faz uma reflexão acerca da importância do letramento no processo de formação do indivíduo.

4 A RELEVÂNCIA DO LETRAMENTO CULTURAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LITERATURA

O presente capítulo coloca em pauta a questão do letramento cultural como componente indispensável às pessoas, ao exercício efetivo dos seus direitos e deveres como cidadãos e tem como propósito levantar alguns questionamentos referentes a comportamentos letrados praticados pelos indivíduos, frisando a importância do sujeito procurar aprender habilidades que possam harmonizá-lo com as demandas sociais, econômicas, políticas e culturais em que estão inseridos

Há diferentes tipos de letramentos, adquiridos tanto em ambientes sociais como também em privados, o letramento aprendido na escola pode possibilitar a aplicação dos mais variados tipos e a frequência com que estes aparecem na vida diária estão exemplificados em citações de alguns especialistas no assunto como a professora emérita da UFMG e fundadora do Centro de Alfabetização e Escrita (CEALE), Magda Soares (2003) que relata a necessidade de criarmos condições que potencializem sua disseminação.

Temos despertado para o fenômeno do letramento – estamos incorporando essa palavra ao nosso vocabulário educacional – significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e escrever, mas é também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita. No entanto, infere-se, de tudo que foi dito, que o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com suas condições sociais, culturais e econômicas, é preciso que haja, pois, condições para o letramento. (SOARES, 2003, p. 58)

Existem ainda alguns fatores negativos que atuam como barreira para que os indivíduos adquiram diferentes práticas letradas, e com o intuito de amenizar essa situação é exposta uma breve proposta para tentar dar fim a esse entrave que resulta no baixo grau de letramento de algumas pessoas.

Em uma sociedade que a todo o momento ocorrem mudanças políticas, econômicas e sociais, sempre refletidas nas relações humanas, o indivíduo precisa estar ciente da necessidade de acompanhar essas mudanças. Com isso, é preciso adquirir habilidades condizentes com as demandas impostas pelo seu meio social, habilidades que não apenas incluem processos técnicos e manuais, mas também, habilidades intelectuais. Essas habilidades permitem que esse sujeito venha a possuir

conceitos universais, podendo dessa forma usar toda leitura de mundo a seu favor, estando aberto a receber todo conhecimento que lhe seja apresentado.

Lima (2015) em seu artigo, ressalta que um grande obstáculo que impossibilita o sujeito de ser um agente receptor em potencial de diferentes níveis letrados é a crença carregada por muitos estudantes; principalmente na maioria daqueles que não pretendem dar continuidade aos estudos, na falsa ideia de que o que se aprende na escola, pouco ou nada será de fato visto fora dela.

Em consequência disso, alguns conteúdos disciplinares nas áreas de Língua portuguesa, Biologia, Sociologia entre outros, são rejeitados ou estudados com pouco interesse, por se acreditar que não possuem nenhuma relação com o cotidiano. É comum ouvirmos de estudantes, interrogativas como estas: para quê preciso aprender regras gramaticais? No que me servirá conhecer um genes? para quê preciso saber o que foi a democracia grega? Essas questões incluídas em diferentes disciplinas, fazem parte dos mais variados campos do saber humano e cabe ao aluno procurar estudá-las com igual interesse, sempre atentos aos conteúdos que elas abordam, relacionando-os não só entre si, mas também, com informações geradas pelo mundo que o cerca.

Isso faz com que a escola, mais do que nunca, ganhe destaque e tenha por missão, contribuir para que o aluno desenvolva habilidades e competências que lhe permitam trabalhar essa informação; selecionando, criticando, comparando, além de elaborar novos conceitos a partir dos que já tem, haja vista que pertencemos a uma sociedade que cada vez mais exige que o indivíduo seja possuidor de habilidades variadas, e não faltarão ocasiões nas quais ele lançará mão de diferentes níveis de letramento.

Em vista disso, é necessário que desde cedo os estudantes se apropriem de várias modalidades de letramento, levando os estudos com maior comprometimento e dedicação, pois agindo dessa forma, tudo o que foi aprendido na escola terá grande importância no seu desenvolvimento como estudante e como pessoa. Além disso, o letramento irá refletir positivamente em seu benefício social e cultural, fazendo com que a pessoa letrada já não seja a mesma que era quando analfabeta ou iletrada.

Com isso, o indivíduo passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar de

lugar social, seu modo de viver na sociedade, na sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais tornam-se diferentes. No entanto devemos salientar que a escola não é o único lugar onde se pode vir a conquistar educação e, por conseguintes práticas letradas como a leitura e a escrita, conforme Maria Cecília Mollica (2007, p.16) aponta:

A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em comunidades particulares ou em âmbito mais geral (MOLLICA, 2007, P. 16).

Nas palavras da professora da Universidade de Brasília e uma estudiosa em história cultural e antropológica, Catitu Tayassu (2011), a relevância do letramento nas suas várias particularidades são ditas da seguinte forma:

Os atos, as práticas, as modalidades e as circunstâncias de leitura e de escrita não estão veiculados (apenas) às instituições escolares e aos seus processos pedagógicos, mas a seus usos e às suas práticas em diversos contextos e circunstâncias do mundo social e cultural, como também, na esfera privada ou individual (TAYASSU, 2011, p. 18).

Já Libâneo (2014) compreende que existe na contemporaneidade um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. Além da família, a educação ocorre nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, na rua, num processo contínuo.

Há momentos em que nos deparamos com atividades que solicitam que disponhamos de múltiplos graus de letramento em diferentes leituras, isso é frequente, como atesta Soares (2009, p. 49): “... há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e o cultural”. A todo instante surgem variados tipos textuais e isso demonstra a importância atribuída a eles que há séculos imprimem um papel destacado na vida do ser humano, Libâneo (2014) destaca essa notoriedade.

Os textos sempre desempenharam um papel vital na história humana não só em termos do conteúdo, mas também da forma. A escrita revela a natureza das relações sociais na comunidade e cultura que os produz e usa como aspecto fundamental dessas mesmas relações (LIBÂNEO, 2014, p. 281).

Na leitura de cartas, jornais, informativos, bulas, instruções etc. o sujeito só poderá tirar bom proveito dessas leituras se for possuidor de variados graus de letramento, pois cada um dos textos mencionados apresenta formas diferentes de linguagem. O letramento de alunos do ensino fundamental pode ser estimulado pela leitura e a produção de textos a partir do contato desses alunos com diferentes gêneros textuais, nesse contexto que entra a literatura produzida no Sudeste do Pará, por entender que as práticas de letramento são elementos construtivos das identidades, haja vista que a leitura e escrita moldam os comportamentos e papéis desempenhados dentro da sociedade. O diálogo desses gêneros textuais ente si e com as disciplinas escolares podem se tornar aliadas ao processo de aprendizagem e, por conseguinte, ao letramento.

4.1 Letramento como prática social

O termo letramento vem sofrendo ressignificações ao longo do tempo, em virtude das transformações sociais e das diversas pesquisas que abordam o tema, essas ressignificações tem demonstrado a escola como o viés que norteia o aluno nesse processo, tendo impacto direto e significativo no desenvolvimento da leitura e escrita nos mais variados contextos sociais, inserindo de maneira mais ampla, sua participação dentro das sociedades, como dito anteriormente.

Esses estudos se baseiam nas mais recentes pesquisas sobre o letramento e que tiveram maior notoriedade a partir do ano de 1990, com as publicações dos livros *Os significados do letramento* de Angela Kleiman escrito em 1995, que aborda vários estudos sobre o tema no Brasil e o livro de Magda Soares intitulado *Letramento: um tema em três gêneros* de 1998, ambos tem como referências as pesquisas do professor britânico Brian Street, este último em seu livro *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na estratégia e na educação*, faz uma reflexão do letramento como prática social, mostrando a importância social e cultural da leitura e escrita, proporcionando ao leitor uma ampliação da completude do tema, apresentando e discutindo teorias, conceitos e pesquisas que podem contribuir significativamente na prática docente.

Esses estudos possibilitaram uma reflexão sobre o letramento como construções históricas e sociais que levam em consideração saberes, valores, crenças e relação de

poder, quanto a este último quesito, o letramento era visto como um lugar de negociação e transformação, servindo muitas vezes como um processo de poder e dominação que consistia em uma luta de classes, esse tipo de letramento dominante era apresentado como único, pautado em discursos de neutralidade e tecnologias, marginalizando qualquer outras formas ou práticas de letramentos, que conforme o autor, já ultrapassado.

Street (2014) visando entender as formas de letramentos, explana sobre a distinção de dois modelos conceituais (Autônomo e Ideológico) sobre seus estudos: o autônomo com uma escrita autossuficiente, que preza a habilidade cognitiva, funcionando como um produto completo/acabado, sem interferência do contexto onde é produzido, motivado pelas tradições culturais ocidentais de prestígio que confere a ele como único, que enfatiza a língua como competência universal, desconsiderando todos os aspectos e contextos sociais envolvidos, excluindo aqueles que não tem acesso a escrita. Em suma, o modelo autônomo é um fenômeno isolado que leva em consideração objetivos pré-definidos e culturalmente limitados.

Defendo que esses são modelos de letramento que as pessoas mantem, principalmente quando os modelos são traduzidos em categorias classificatórias que separam os letrados dos não letrados. Mas quero dar um passo atrás e perguntar que modelo de letramento é usado para fazer essa distinção. Essa distinção categórica e a crença que ela representa parece ser dada pela literatura teórica, pelas instituições e pelas pessoas que se encontram em determinadas vilas e países, e é o que chamo de modelo autônomo, presume-se nesse, modelo, que letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independente do contexto. STREET, 2014, p. 36)

Street (2014), também cita exemplos e experiências vividas por ele como pesquisador, que afirmam suas concepções sobre o modelo autônomo.

Nessa concepção, alguém poderia sentar em grandes cidades, na UNESCO, em Paris, por exemplo, e criar um programa de alfabetização que serviria para todos os lugares. Para ilustrar essa concepção, cito uma situação bastante exemplar: estive em Gana com algumas pessoas que estavam pensando um programa de alfabetização para 15 línguas diferentes, que começaria com o mesmo material e seria simplesmente traduzido através do país, como se fosse possível ficar em uma grande cidade e fornecer uma única coisa autônoma como *letramento*. (STREET, 2014, p. 37)

Já o ideológico valoriza as práticas ligadas às estruturas sociais considerando as habilidades técnicas do letramento, se baseia em elementos indissociáveis para atingir seus propósitos, considerando língua, contexto e cultura como determinantes para a

construção de uma relação de identidade e de poder entre os sujeitos, sendo um fenômeno situado e associado às práticas sociais que o originam, portanto esse modelo tem uma visão mais crítica sobre o letramento e melhor aceito pelo autor, Street (2014) enfatiza isso em seus relatos.

Minha experiência no Irã e em todos os outros lugares, pelo contrário, me diz que letramento varia. As diferenças entre letramento comercial, letramento do alcorão, letramento escolar são consideráveis. As pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes. Por isso, selecionar só uma variedade de letramento pode não ter os efeitos que se espera. Refiro-me a esse modelo como um *modelo ideológico*; não só um modelo cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessa ideias. (STREET, 2014, p.37)

Para Street (2010), o que houve foi uma “pedagogização” do letramento em que consistia apenas nas noções educacionais, com isso propõe novos modelos não relacionados com a escolarização do letramento, e a partir de suas experiências em vários lugares do mundo, pode perceber como se dá esses processos e começa a desenvolver novas formas de letramento, destoando dos conceitos padronizados que apresentam categorias classificatórias, separando letrados de não letrados, com base em conceitos teóricos que nivelam a sociedade. Segundo o autor, é enganoso pensar em uma única forma de letramento, há de se levar em consideração contextos culturais específicos de cada sociedade.

Esses modelos são poderosos. Por exemplo, esses modelos determinam recursos, currículos, estratégias pedagógicas e principalmente, estabelecem fronteiras que pretendem definir quem é alfabetizado/letrado e quem não é alfabetizado/não letrado. Estes são conceitos poderosos e, portanto, modelos poderosos pelas consequências que acarretam. E muito frequentemente eles não são nem reconhecidos. (STREET, 2014, p.37)

Magda Soares (2014), propôs uma reflexão sobre os conceitos de letramento e suas implicações para as pesquisas e políticas de alfabetização no Brasil, elencando diferentes pontos de vistas em que cada um resulta num diferente conceito sobre letramento, mas no ponto de vista da Antropologia, a autora faz uma relação das práticas de leitura e escrita a cultura, tendo como base as teorias de Street.

De um ponto de vista antropológico, letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essas práticas em determinadas culturas. Sob esse ponto de vista, ora se analisam diferenças entre culturas

letradas e não letradas, como faz Goody, ora identifica-se o caráter ideológico que permeia o estabelecimento dessas diferenças – o representante aqui é, claro, Brian Street, que realizou, como já dito anteriormente, uma “revolução conceitual” nos estudos antropológicos do letramento, a partir de seu livro seminal *Literacy in Theory and Practice* (1984), revolução que vem progredindo e se aprofundando com os *New Literacy Studies*. Parece-me que, nos estudos e pesquisas sob a perspectiva antropológica, a melhor tradução para a palavra *Literacy* seria *Cultura escrita*, e não letramento. (SOARES, 2014, p. 56)

As práticas de letramento estão relacionadas com a cultura e identidade, pois permite a compreensão linguística de uma pessoa ou grupo em determinados contextos específicos. Para Silva (2000), a linguagem possibilita essa (re)construção de identidades sociais, pois é através dela que os sujeitos expressam suas ideias, desejos e preocupações, portanto, a identidade é “um ato de criação linguística” em que a ação dos sujeitos tem sentido e efeito por meio da linguagem. (SILVA, 2000, p.76)

Assim, Para que de fato o letramento aconteça, deve se levar em consideração as práticas pedagógicas dos educadores, pois os mesmos tem a competência de atuar como agentes transformadores na aquisição do conhecimento prévio dos alunos, pois a medidas adotadas no processo de ensino-aprendizagem, impactam significativamente a vida social e cultural dos educandos. Kleiman (2007) defende essa aproximação entre a escrita e o contexto social envolvido.

Se por meio das grandes pesquisas quantitativas, podemos conhecer onde e quando intervir em nível global os estudos acadêmicos qualitativos, geralmente de tipo etnográfico, permitam conhecer as perspectivas específicas dos usuários e os contextos de uso e apropriação da escrita, permitindo, portanto, avaliar o impacto das intervenções e até, de forma semelhante à das macro análises, procurar tendências gerais capazes de subsidiar as políticas de implementação de programas. (KLEIMAN, 2007, p.269).

No que diz respeito ao conhecimento prévio acerca do letramento cultural, Zilberman (2008) esclarece que alguns procedimentos podem ser adotados para ajudar o aprendiz a atualizá-lo.

1. Dar alguma explicação geral sobre o que será lido. Não se trata tanto de explicar o conteúdo, mas de indicar sua temática para os alunos, para que possam relacioná-la a aspectos de sua experiência prévia.
2. Ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto que podem ativar seu conhecimento prévio. (Desenhos, títulos, subtítulos, enumerações, sublinhados, mudanças de letras etc.)
3. Incentivar os alunos a exporem o que já sabem sobre o tema. [...] depois da discussão, breve e centrada, devem ser sintetizados os aspectos mais relevantes, que ajudarão as crianças a enfrentar o texto (ZILBERMAN, 2008, p. 187).

Após as estratégias de antecipação ou previsão, o professor pode ajudar o aluno a promover perguntas sobre o texto, não se trata apenas de utilizar o conhecimento prévio, mas também – e talvez de maneira não intencional – conscientizá-los sobre o que sabem e sobre o que não sabem sobre determinado assunto voltado para a cultura de uma localidade. Depois da leitura, pode-se comparar os fatos com as previsões e inferências feitas, para verificar a veracidade entre elas. O aluno aprende, assim, a interagir com o material lido e a construir sentido com textos de diversas naturezas, ensinar o aluno essas estratégias é, nesse sentido, ensiná-lo a aprender a partir da leitura e, como consequência, instruir-se a aprender de forma autônoma e em diversas situações.

Quando se pensa em leitura, logo se imaginam papéis escritos – jornais, livros e revistas. No entanto, temos a leitura presente o tempo todo no nosso cotidiano – em muros, outdoors, camisetas, cartões, catálogos etc. –, por isso se diz que já fazemos parte de uma sociedade grafocêntrica, pode-se dizer que “A escrita, gradativamente, se transformou em um obstáculo (ou meio de acesso) para o homem ter uma participação efetiva no mundo social” (BARBOSA, 2009, p. 28).

Mas o que se tem visto entre indivíduos alfabetizados e analfabetos, é uma situação de desigualdade que se estende por muitas outras formas de dominação social, os resultados de importantes exames de proficiência em leitura, como SAEB 2005 e o PISA 2006 e pesquisas como o INAF 2007 apontam as dificuldades da maioria dos brasileiros em ler e compreender textos escritos, Soares (2009) orienta que é importante que sejam discutidos tanto as razões desse problema como formas de reverter essa situação.

Alguns entraves no ensino de leitura foram listados, tais como a grande divisão entre leitura na escola e fora dela e o trabalho com as fichas de leitura de textos literários, as instituições de ensino devem tratar o processo de alfabetização de mãos dadas com o letramento, e não apenas trabalhar com o reconhecimento de letras e palavras, é preciso repensar as práticas de leitura, para que os alunos possam ter acesso a uma maior diversidade de gêneros textuais.

Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais em língua portuguesa - em especial, com a literatura produzida na região Sudeste do Pará – é relevante para que os alunos conheçam os mais variados tipos de textos dentro da esfera literária e o ensino de estratégias de leitura devem contribuir para a formação de um leitor

proficiente que realiza uma boa leitura, não só durante as atividades escolares, mas também durante diversas situações do dia-a-dia. Um leitor que saiba usar o texto em benefício próprio e que conte com recursos para fazer parte dos eventos sociais que envolvem o letramento, assim como usufruir dos bens culturais, se tornará um cidadão letrado.

Tratar o letramento como prática social e cultural implica focalizar as relações de poder que envolvem os letramentos nas instituições sociais, isso significa examinar o que está sendo feito e por quem, o papel do letramento desempenha processos institucionais e a que propósitos está servindo na sala de aula, para analisar as práticas de letramento em que os estudantes estão engajados, é preciso identificar as atividades pedagógicas e que textos escritos estão envolvidos e os domínios da vida social aos quais esses textos se relacionam, observar a diversidade das práticas de letramento cotidianas pode auxiliar os estudantes a enxergarem as suas próprias práticas como relevantes para alcançarem seus objetivos da vida diários.

O letramento escolar é uma de muitas formas de comunicação e poderia ser desenvolvido lado a lado com outras, tais como a linguagem falada e a linguagem de gráficos, talvez o letramento impresso não devesse monopolizar o processo de educação. Já as práticas de letramento não-escolares são extremamente variadas e frequentemente, diferentes daquelas da escola, com isso, os professores poderiam trabalhar criticamente com esses letramentos não-escolares usados pelas pessoas no dia-a-dia. É importante entender que a escola é um contexto para a aprendizagem, os alunos aprendem sobre letramento informalmente em suas vidas, mesmo antes de entrarem na escola, esse tipo de aprendizagem não é sequencial, pois as pessoas aprendem sobre usos, estratégias e valores nas práticas sociais, é um bem cultural.

Portanto, existem propósitos sociais para o letramento, as pessoas não leem e escrevem sem algum propósito, o letramento é “mais que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou zona rural” (MARCUSCHI, 2001, p. 16), isso sustenta a ideia de ler e escrever para objetivos reais dentro e fora da escola, exercícios, materiais e atividades que apenas envolvem o ato por si só, deveriam ser evitados; os letramentos envolvem colaboração e usam redes de suporte, para encorajar aqueles que estão desenvolvendo leitura e escrita colaborativa na sala de aula. No entendimento de Magda Soares (1998) necessário que haja condições para o letramento.

Uma condição é que haja escolarização real e efetiva da população – só nos demos conta da necessidade de *letramento* quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e escrever.

Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura. O que ocorre nos países do terceiro mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros é até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. Como é possível torna-se *letrado* em tais condições? (SOARES, 1998, p.58)

O trabalho na disciplina de Língua portuguesa, no que se refere à abordagem do letramento cultural precisa levar em consideração toda o material cultural e social existente acerca de uma região. Isso se faz necessário, pois assim os alunos terão a oportunidade de desenvolver a prática do letramento a partir da abordagem de conteúdos capazes de promover o conhecimento sobre a cultura onde esses alunos estão inseridos, de maneira a ampliar as possibilidades de conhecimento.

Com isso, muitas são as possibilidades de aplicação de atividades específicas, sobretudo nas aulas de literatura, onde conteúdos como: livros, contos, poemas, curiosidades e outros poderão ser explorados com os alunos de forma didática, permitindo assim o contato dos alunos com a sua própria cultura.

Atividades como: exibição de documentários, por exemplo, servem como fonte de inspiração ao processo de escrita, pois os alunos poderão ser incentivados a produzir textos, pequenos poemas e outras formas de manifestação escrita. Com isso, serão capazes de trabalhar o conhecimento pessoal de cada um deles, acerca daquilo que alcançaram nas aulas, por meio das explicações dos professores sobre o conteúdo cultural abordado.

A produção de feiras culturais, o levantamento de obras escritas por autores locais e a valorização da literatura da região onde os alunos estão inseridos poderá ser uma forma eficiente de promover a prática do letramento cultural com os alunos. Com isso, amplia-se as possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos propostos e da divulgação da cultura local para que a comunidade também possa conhecer mais acerca das obras e atividades realizadas pelos autores do lugar.

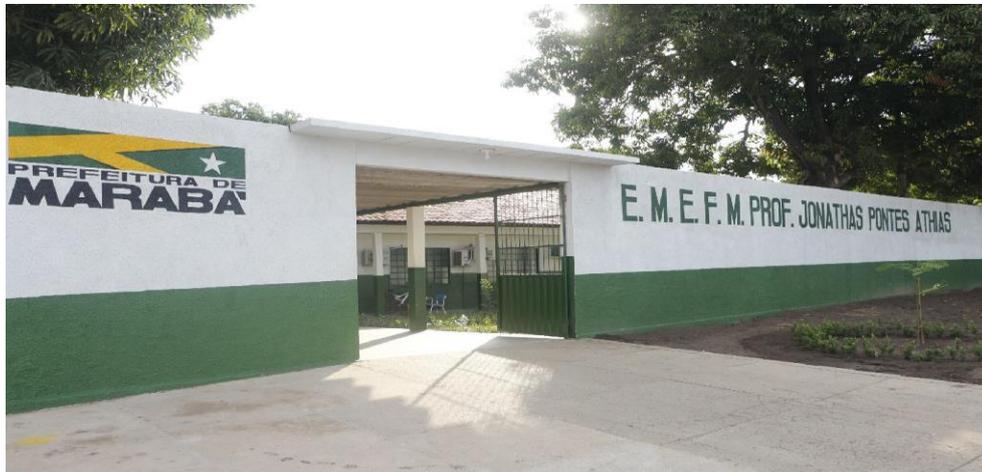
A forma como os professores poderão trabalhar a questão do letramento cultural nas escolas - nas aulas de Língua portuguesa e Literatura - são muitas, cabe a esses profissionais buscar e implantar métodos inovadores e bem planejados para sejam um

diferencial de apoio no processo de ensino/aprendizagem, permitindo não apenas o conhecimento da cultura local, como também o desenvolvimento do processo de leitura e escrita, tão essencial para a evolução dos alunos. Na intervenção pedagógica exposta no capítulo seguinte, temos um bom exemplo de que essas inovações nas aulas de Língua portuguesa podem contribuir de maneira positiva na concepção dos mesmos.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA DO SUDESTE DO PARÁ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nas aulas de Língua Portuguesa com o objetivo de inserir a literatura produzida por escritores da região Sudeste do Pará nas atividades de leitura e escrita de uma turma de ensino fundamental II (8º ano) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jonathas Pontes Athias, localizada no núcleo da Nova Marabá – Folha 21 Quadra E lote Especial na cidade de Marabá-PA, da qual faço parte do quadro permanente de professores há 12 anos.

Figura 8 – Escola Jonathas Pontes Athias



Fonte: Maraba.pa.gov.br

Essa proposta de intervenção pedagógica em forma de sequência didática, surgiu da inquietação que tínhamos desde o início da vida acadêmica, ao ingressarmos no curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano de 2002, Nesse período nos foi oportunizado o primeiro contato com obras de autores paraenses e amazônicos, como Milton Hatoum, Daniel Munduruku, Walcyr Monteiro entre outros, possibilitando-nos compreender o quão significativa eram essas obras para moldar a noção de pertencimento/identidade, pois até então em nenhum segmento (ensino fundamental e médio) havíamos tido contato com obras de autores tão próximos daquilo que vivenciamos.

Com isso, surgiram alguns questionamentos que nortearam o projeto como: Por que não se trabalha a literatura local nas aulas de Língua Portuguesa? Como desenvolver a noção de identidade de um povo a partir da literatura local?

Segundo Candido (2008), a literatura proporciona ao leitor um processo de humanização que se dá através da leitura, ele é levado pela ficção (fantasia) a introduzir na sua vida, novos conhecimentos, pois a literatura consegue mostrar diferentes modos de cultura, transformando seu pensamento em relação a realidade.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC - também pauta suas competências específicas nessa vertente, aproximando o aluno do seu contexto, levando em consideração as particularidades sociais, locais e regionais, adaptando o currículo a essas singularidades para um melhor ensino-aprendizado, com destaque para os tópicos 7, 8 e 9 que demonstram a literatura como recurso imprescindível para o conhecimento e de como ela pode proporcionar um vínculo significativo com a realidade, proporcionando uma formação mais plena do indivíduo.

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas,

de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.⁶

Como professor de Língua Portuguesa desde 2003, trabalhando num primeiro momento com alunos de EJA – Educação de Jovens e Adultos, segmento que tinha como perfil alunos com idade mais avançadas e que não haviam terminado o ensino no tempo adequado e vindos das classes menos favorecidas, e logo depois, com alunos das séries finais do ensino fundamental - jovens em processo de conhecimento e fortalecimento de suas identidades. Percebemos que a literatura trabalhada pelo livro didático nos dois segmentos acima citados, era muito superficial, geralmente um trecho de uma obra ou uma referência a um autor ou escola literária; e assim vem se perpetuando até os dias atuais, tornando seu ensino tedioso e desinteressante para a maioria dos alunos.

De acordo com Fernandes (2009, p. 19) “A obra literária é uma manifestação de arte que atua sobre o indivíduo; compreendemos que a literatura possibilita o contato dele com o universo que o cerca e que sua força reside na capacidade de formação do homem.”, como educador, sabemos que assim como outras formas de manifestações artísticas, a literatura pode proporcionar um elo significativo com a realidade, contribuindo para a formação do indivíduo, e por isso pensamos neste projeto.

Segundo Fernandes (2009), os textos literários consentem que as gerações se encontrem, pois a partir deles, a geração contemporânea tem a oportunidade de conhecer as passadas, com suas diversidades sociais e culturais. Vale salientar que essa proposta de valorizar e inserir as obras de autores do sudeste do Pará no âmbito escolar, em nenhum momento foi pensada como forma de diminuição de valores dos clássicos literários, até porque esses já têm seu espaço cativo nas aulas de Língua Portuguesa.

⁶ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> >. Acesso em: 06 jul. 2019

A principal motivação é promover essa interação entre o estudante e as obras literárias da região amazônica (no caso, Sudeste do Pará) como forma de valorizar o trabalho dos escritores locais, aproximando os leitores dos textos que os identificam como seres sociais e culturais daquele contexto em que foi produzido, motivando as gerações futuras a continuarem esse legado que é o de escrever e ler histórias e poemas que proporcionam-lhes se vê nas narrativas e conseqüentemente valorizar a cultura e seu povo.

Por mais que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), regulamente em seu artigo 26 que o currículo escolar do ensino básico leve em consideração as características regionais e locais da sociedade e da cultura dos educandos, se faz necessária uma proposta de intervenção que possa agraciar as aulas de Língua Portuguesa com obras dos autores da região Sudeste do Pará, ampliando o conhecimento dos alunos acerca do lugar onde vivem, através dos textos literários e estimulando-lhes a noção de identidade. Conforme sequência didática elaborada a seguir, a priori, dividida em 4 etapas.

Neste primeiro momento, trabalhou-se com gênero seminário, por se constituir em uma das técnicas mais competentes de aprendizagem. De acordo com Marconi e Lakatos (1992, p.29), “Seminário é uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate. (...)”, para que tenha seus objetivos alcançados, deve-se levar em consideração a pesquisa bibliográfica e apesar de ter uma finalidade específica, há de se levar em consideração seus objetivos gerais que são:

- Aprofundar o estudo a respeito de um determinado assunto;
- Desenvolver a capacidade de pesquisa, de análise sistemática dos fatos, através do raciocínio e reflexão, preparando o educando para elaboração de trabalhos científicos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Público-alvo: 8º Ano	Tempo estimado: 02 meses
Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Incorporar nas escolas da rede pública do município de Marabá, a literatura regional, como fonte de conhecimento imprescindível para a compreensão das nossas origens e a partir desta percepção, transformar nosso alunado em seres mais conscientes e reflexivos às questões ambientais, culturais, econômicas e sociais que envolvem a nossa região. 	

Objetivos específicos:

- Mostrar a importância da literatura regional como objeto de cunho didático, histórico e informativo. Imprescindíveis para aquisição de conhecimento e entendimento das nossas origens.
- Aproximar o aluno das obras literárias que tratam do cotidiano, fomentando o prazer pela leitura local.
- Entender como se deu a formação da identidade do povo do sudeste paraense com a incorporação de outras culturas trazidas pelos que aqui resolveram fixar moradia.
- Prestigiar nossa rica literatura, enaltecendo autores da região que muito tem a contribuir para o processo cognitivo.
- Incorporar no currículo escolar, obras de autores da região sudeste do Pará.
- Ampliar a noção de respeito, ética e valores no jovem em processo de formação da sua identidade sociocultural.
- Aliar Literatura e tecnologia em prol do conhecimento.

1º Etapa: Seminário

Objetivo: refletir sobre a importância da literatura produzida na região para a construção e fortalecimento de uma identidade cultural.

Conteúdos: Slides

Obras Literárias

Imagens

Material cultural

Projeter

Som

Metodologia:

- Fazer uma breve explanação sobre a importância da literatura local para que os alunos pudessem ter a noção de pertencimento mais apurada.
- Mostrar algumas imagens de autores e obras locais associando-os a região
- Ler um trecho de uma obra para explanação e inferências.
- Abrir para os questionamentos e debates
- Mostrar elementos da nossa cultura
- Questionar sobre quem já conhecia os referidos elementos
- Solicitar uma pesquisa nas bibliotecas escolares próximas
- Debater sobre a literatura local e sua contribuição no desenvolvimento cognitivo

Nesta segunda etapa do projeto, os alunos foram divididos em grupos, haja vista que o objetivo desta metodologia é proporcionar a troca de conhecimentos entre os educandos, desenvolvendo habilidades comunicativas em prol de um objetivo comum.

Assim sendo, foi solicitado aos mesmos que fossem aos espaços públicos que poderiam ter em seus acervos, obras de autores que produzem na região sudeste do Pará, como a Casa da Cultura de Marabá, biblioteca Municipal e bibliotecas escolares dos bairros onde moram. Segundo relato dos próprios alunos, a ida a estes espaços, possibilitou um maior aprofundamento sobre o tema, com a descoberta de fotos da cidade e de como houve alteração significativa na paisagem local, de escritos antigos e suas diferentes formas, além dos utensílios usados pelos indígenas e outros atores sociais (lavadeiras, escafandristas, castanheiros etc).

2° Etapa: Pesquisa de campo – Coleta de Dados

Objetivo:

Fomentar o prazer pela pesquisa e incentivar a visita às bibliotecas públicas

Conteúdos:

Pesquisa literária local
 Pesquisa Biográfica dos autores do sudeste paraense
 Imagens
 Coleta de dados

Metodologia:

- Solicitar aos alunos uma pesquisa em bibliotecas públicas
- Coletar dados sobre as obras e autores locais existentes nestes espaços
- Produzir imagens através do aparelho celular para apresentação em sala
- Pesquisar a biografia dos autores locais
- Refletir sobre o acervo encontrado

Nesta terceira etapa, os trabalhos se concentraram dentro da sala de aula.

3° Etapa: Sala de Aula - Biografia

Objetivos:

Trabalhar o gênero biografia como pontapé inicial para a promoção da inclusão dos textos literários do sudeste do Pará.

Conteúdo:

Material de pesquisa dos alunos
Explanação sobre o gênero Biografia
Biografias pesquisadas
A literatura como fonte permanente de conhecimento
Reflexão sobre a intimidade dos textos com o lugar de origem

Metodologia:

- Explicar o motivo da pesquisa
- Catalogar material pesquisado
- Explicar o gênero Biografia e sua relevância
- Mostrar passo-a-passo como as narrativas aproximam o leitor do que está sendo lido (noção de pertencimento)
- Demonstrar a importância de aliar Literatura e tecnologia atualmente
- Leitura dos textos literários de escritores locais
- Explicar sobre as Bibliotecas virtuais

4º Etapa: Sala de Informática – elaboração da Biblioteca virtual

Objetivos:

Confeção a partir do material pesquisado e das biografias uma biblioteca virtual, com a digitalização das obras de autores locais.

Conteúdo/Material:

Material pesquisado
Computadores
Obras literárias
Sala de informática

Metodologia:

- Criar uma biblioteca virtual
- Promover a literatura Local através da internet
- Aliar Literatura e tecnologia
- Transformar a visão de mundo dos jovens através da literatura local
- Possibilitar a reflexão sobre a noção de identidade

Importante salientar que o projeto não se resume apenas a sequência didática exposta, ele é muito mais abrangente e requer outras oficinas, exposições e trabalhos que reforçarão a importância dele no âmbito escolar. Pois a literatura está intrinsecamente ligada a realidade do leitor, portanto tem um papel ímpar na formação dos sujeitos, ela possibilita um entrelaçamento do passado com o presente. Conforme revelado por Cosson (2018):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper o limite do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade das verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2018, p. 17)

Para ter sentido é necessário que a escola tenha a noção da importância de incorporarmos no currículo escolar, obras que aproximem o leitor para a realidade vivida por ele, LIMA (2015) em seu artigo ressalta a importância desse tipo de literatura:

O Regionalismo se mostra presente na arte em geral e, obviamente, inclui a arte na literatura. Através da sua obra, o autor busca elucidar aspectos importantes concernentes a linguagem inerente e desenvolvida na região, ou ao espaço geográfico em si como um todo, onde se desenvolve a narrativa. Pode-se afirmar que um determinado livro de cunho regionalista, passa a funcionar como uma espécie de vitrine para o leitor, para que este possa ter condições de vivenciar as características mais genuínas acerca do local apresentado, em se tratando, principalmente das inevitáveis influências regionais e marcantes no modo de ser e agir de seus personagens. (LIMA, 2015, p. 12)

Possibilitar ao aluno conhecer sua história é um dos principais objetivos da inclusão da literatura do Sudeste do Pará nas aulas de Língua Portuguesa, o que irá resultar num melhor desenvolvimento cultural, social e cognitivo, mas para que isso tenha efeito é necessário criar políticas de incentivo, pois o acesso desses textos nas aulas ainda é muito escasso ou inexistente. Na maioria das bibliotecas escolares pesquisadas pelos alunos, não havia sequer um exemplar de um autor do sudeste do Pará, demonstrando claramente a falta de incentivo à literatura produzida na região.

A escola precisa tomar para si o compromisso de valorizar as narrativas e memórias que demonstram como se deu a formação do nosso povo e possibilitar essa aproximação do leitor com sua história, criando um acervo permanente em suas bibliotecas com apoio das secretarias de educação que, forneceria apoio e suporte tecnológico para criação de uma biblioteca virtual e digitalização das obras. Para que tenha sucesso, todos devem estar coesos nessa missão de resgate da historicidade do sudeste paraense.

A prática pedagógica desenvolvida na Escola Municipal de ensino fundamental Jonathas Pontes Athias, localizada no centro do Bairro nova Marabá, na cidade de Marabá-PA, tem como características importantes para o desenvolvimento deste projeto, o perfil do seu corpo docente, que em sua maioria, são de famílias oriundas de outras regiões, isso se deve ao fato de no início de sua fundação, ter sido uma escola criada para atender aos filhos de trabalhadores da empresa “Vale do Rio Doce”, pois localiza-se ao lado de um conjunto residencial de moradores da referida empresa

e depois doada para o município. Outro ponto interessante de se informar é que a escola sempre foi referência pela qualidade de ensino e pela localização geográfica privilegiada, próximo ao batalhão do exército e vilas militares e sendo preferida por esses, na matrícula dos filhos, pessoas com características transitórias e oriundas de várias partes do país.

Na primeira etapa do projeto convidamos a turma do 8º ano C, do turno vespertino para um seminário sobre “A literatura e sua importância para a formação das identidades” realizado no auditório da própria escola. Durante o referido seminário foram expostos através de slides uma breve apresentação da formação da cidade de Marabá e seus ciclos econômicos mais importantes (Borracha, Castanha, Ouro, Siderurgia), responsáveis por impulsionar o crescimento não só econômico, mas também populacional da cidade e da região Sudeste paraense.

Logo após foram feitas algumas inferências aos alunos sobre a ligação entre os períodos citados e o processo migratório na região, perguntando aos mesmos, quais os que haviam nascido na cidade, os que eram de outras cidades do estado e quais eram de outros estados. A maioria posicionou-se em uma das três perguntas o que impulsionou a uma narrativa biográfica deles, sendo solicitado para alguns que fizessem um breve histórico pessoal e familiar.

Nesse momento, começamos a explicar sobre a importância da literatura no processo de aquisição do conhecimento, levando em consideração a obras literárias locais que por serem mais próximas, refletem a realidade através do conhecimento e da história passada, reforçando o debate com um texto extraído do Livro *O castanheiro* de Joao Brasil Monteiro que relata sobre um acidente ocorrido durante a infância por uma figura histórica da região e que muda sua vida completamente. O texto foi distribuído aos alunos para leitura compartilhada em que alguns foram escolhidos para lerem os parágrafos em voz alta, conforme exposto no anexo C.

Logo após, foi apresentado aos mesmos, um objeto de forma arredonda (esférica) de mais ou menos 14/15 centímetros e pesando entre 600 a 700 gramas (podendo chegar até 1.500 gramas) e solicitando que respondessem se já haviam visto algo parecido, o que a maioria acenou negativamente, enquanto outros não sabiam sequer o nome do determinado objeto, mas já haviam visto e que se tratava de uma fruta; isso acabou causando um pequeno alvoroço entre os participantes do seminário.

Depois de descoberto que se tratava do fruto de uma Castanheira (*Bertholletia excelsa*), espécie de grande porte, nativa da Amazônia, foi feito um breve relato da sua importância não só como alimento para indígenas e animais silvestres, mas também para a economia da região amazônica, ampliando as informações sobre sua importância para as comunidades florestais, seu valor para a preservação dos ambientes naturais, o emprego na culinária, suas propriedades naturais, seu emprego no artesanato e como ela foi importante para a nossa formação cultural.

Figura 9 - Ouriço de Castanha do Brasil



Fonte: <https://semeadordeletras.files.wordpress.com/2010>

Pode-se notar que o seminário fluiu de forma tão prazerosa que os alunos sequer preocuparam-se com o tempo decorrido, pois apesar de alguns conhecerem a semente do ouriço (castanha), nunca haviam se atentado para sua importância dentro do cenário amazônico.

Logo depois voltou-se para o texto inicial do seminário intitulado “Férias sem retorno” e de seu personagem principal, Prof. Raimundinho (anexo C), no fatídico episódio em que o mesmo atingido por um ouriço ao brincar pelo castanhal do pai, acabou paraplégico. Enfatizando como as obras literárias poderiam nos beneficiar com um maior entendimento de tudo que nos cerca e das pessoas que contribuíram para a formação da região.

Nesse primeiro momento foi solicitado aos alunos que fizessem uma pesquisa nas bibliotecas públicas e nas escolas à procura de obras de autores da região, para os próximos encontros, dessa vez em sala de aula. No segundo encontro com os alunos, foram catalogados os materiais pesquisados e não era de se surpreender que a maioria das escolas que tinham bibliotecas em seu espaço, não possuíam sequer

um livro de autores da região. Isso reforçou aquilo que o projeto tanto propaga, a inclusão da literatura local nas escolas. Os únicos lugares em que foram encontrados um vasto acervo, foram a biblioteca Municipal de Marabá e Fundação casa da Cultura.

Figura 10 - Biblioteca Municipal



Fonte: marabaturismo.blogspot.com

Isso nos fez refletir sobre o quanto de material informativo, histórico e cultural está sendo negado aos estudantes de nossas escolas por não terem acesso as obras que remontam ao passado e a formação de seu povo. Um legado que com o tempo vem sendo cada vez mais desprezado e negligenciado pela falta de incentivo e políticas públicas. Um jovem precisa conhecer o passado para poder entender seu presente e conseqüentemente, otimizar o futuro.

Na terceira etapa, iniciamos a aula falando sobre o gênero Biografia e de como seria importante trabalharmos com esse tipo de gênero textual, haja vista que proporcionaria ao educando, um maior aprofundamento sobre cada autor, solicitando aos alunos que fizessem um relato do material pesquisado. Logo após foi explanado de como a tecnologia poderia ser uma forte aliada nesse processo de construção de sentidos, considerando que que é algo que faz parte de suas vidas e os mesmos a manipulam com uma certa facilidade e também pela fácil disseminação de informações.

Com isso, foi proposto a criação de uma Biblioteca virtual e de como esta poderia ampliar os horizontes do trabalho em desenvolvimento, tendo em vista que as bibliotecas físicas não suprem a necessidade dos alunos e não tem um alcance tão

efetivo. Em consequência, os alunos foram levados para a sala de informática para criação de uma biblioteca digital, iniciando com sua formatação e depois com inclusão das biografias pesquisadas.

Essa etapa foi escolhida por ser algo que atrai a atenção dos alunos, pelo fato de a tecnologia fazer parte de seu cotidiano e pela fácil disseminação de informações. Vale lembrar que ainda está em processo de criação e catalogação de material biográfico, assim como a busca de parcerias junto à Secretaria de Educação e órgãos ligados a educação, para que seja feita a digitalização de obras e o devido apoio técnico.

Depois de utilizada a sequência didática com a parceria entre literatura e tecnologia para facilitar a inserção das obras de autores do sudeste do Pará no ensino de Língua portuguesa, foi possível perceber que os alunos criaram uma maior noção de identidade e vínculo com o lugar. Pois as narrativas trabalhadas em consonância com as pesquisas e o engajamento dos alunos e com o devido auxílio do professor, supriram as expectativas iniciais da aprendizagem.

Novas metodologias para o ensino de literatura que aproximem o leitor daquilo que o cerca, devem ser estimuladas e adotadas para que haja uma visão menos distorcida do saber literário. Os textos produzidos tem muito a oferecer nesse processo de aquisição do conhecimento e na formação de uma identidade cultural, principalmente quando se fala da região sudeste do Pará, com sua história construída pelas mãos de anônimos, que ao longo de todo esse tempo serviram de inspiração para muitas narrativas, possibilitando o surgimento de uma cultura diferenciada com suas crenças mitos, lendas e dialetos próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa do mestrado, constatou-se que a literatura produzida na região Sudeste do Pará era rica em material didático, informativo, histórico e cultural, mas pouco difundida dentro do ambiente escolar.

Verificou-se também que era preciso levar em consideração a relevância da abordagem das referidas obras para o processo de desenvolvimento dos alunos, pois a escola sempre foi a principal responsável por inculcar no jovem em formação, esses preceitos, a partir das obras e textos disponíveis dentro desta instituição de ensino, dando-lhes um olhar distinto em relação ao seu papel na sociedade, respeitando e valorizando as diferentes culturas e povos existentes, principalmente nas aulas de Língua portuguesa, onde a evolução do letramento cultural se faz necessária para um pleno aprendizado. Mas em alguns casos, ainda é possível notar a existência de alunos que não se interessam pelas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, onde até questionam sobre a utilidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula para a sua vida pós-escola, como demonstrado ao longo dessa dissertação.

Dessa forma, o incentivo e a abordagem de conteúdos voltados para a exploração da cultura do Sudeste do Pará é uma forma de despertar nos educandos o entendimento acerca de sua formação e identidade cultural, pois esse tipo de conhecimento poderá ser levado para toda a vida, permitindo-lhes assim um embasamento maior acerca da sua própria concepção enquanto sujeito.

Vale salientar que a abordagem dos demais conteúdos literários, tradicionalmente ensinados nas aulas de Língua Portuguesa possuem, evidentemente, a sua importância, simultaneamente é preciso haver criatividade dos professores na preparação de novas metodologias que possam despertar nos alunos, o desejo de saber mais sobre a cultura que os cerca. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, incorporar nas escolas da rede pública do município de Marabá, a literatura do Sudeste do Pará, como fonte de conhecimento indispensável para a compreensão das nossas origens e a partir desta percepção, transformar nosso alunado em seres mais conscientes e reflexivos acerca das questões que envolvem o lugar a qual pertencem.

Quanto aos resultados, o trabalho conseguiu demonstrar que os alunos do ensino fundamental necessitam de uma maior abordagem da história que envolve a

formação do Sudeste paraense, pois há essa lacuna a ser preenchida e que só será possível a partir da leitura de obras que remontam a esse passado e de projetos voltados para a concepção dessa identidade cultural, a qual foi alicerçada pela incorporação das várias culturas introduzidas pelos que aqui vieram em busca de progresso, ou seja, o papel migrante.

Quanto aos objetivos específicos deste trabalho, podemos elencar o primeiro que tinha como proposta, demonstrar a relevância da literatura como suporte para aquisição do conhecimento e entendimento da nossa formação. Asseguramos-lhes que o mesmo foi atendido em sua plenitude e bem aceito pelo corpo discente, haja vista ser tratar de uma leitura em que os alunos identificam-se com as narrativas, por se passar em lugares e ambientes que os mesmos conhecem muito bem, criando-lhes essa noção de pertencimento.

Já no segundo objetivo específico que tinha como sugestão, aproximar o aluno das obras literárias que tratam do nosso cotidiano com a incorporação de autores do Sudeste do Pará, fomentando o prazer pela leitura. Pode-se observar que houve um resultado satisfatório, pois a inclusão dessa literatura nas aulas, possibilitou a ampliação da noção de respeito, ética e valores no jovem em processo de formação da sua identidade cultural.

Quanto ao terceiro objetivo específico que era o de Incorporar no currículo escolar de forma permanente, as obras produzidas no Sudeste do Pará, ainda não foi possível concretizá-lo de maneira plena, por não haver ainda uma parceria sólida junto à secretaria de educação para o suporte e mediação do projeto para que fosse estendido a outras unidades escolares, havendo apenas um primeiro contato com esta secretária para informar-lhes sobre o projeto e uma possível parceria, portanto essa ampliação ainda não se concretizou.

Quanto ao questionamento feito no início dessa dissertação, de como poderíamos incorporar essa literatura na aulas de Língua Portuguesa. Pode-se assegurar que a partir do projeto inicialmente concretizado, em forma de intervenção pedagógica, foi possível perceber que o mesmo, alicerçado por um embasamento teórico farto, respondeu as expectativas iniciais, de forma íntegra.

Então, podemos afirmar que a metodologia empregada no referido projeto, inicialmente com uma pesquisa bibliográfica, na qual fichou-se alguns autores que defendem a importância da cultura no processo de ensino aprendizagem,

e, conseqüentemente com a aplicação da seqüência didática, conseguimos de maneira satisfatória, ampliar a concepção de mundo dos aprendizes e, conseqüentemente, torna-los seres mais conscientes e participativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Partindo do pressuposto de que os alunos precisavam conhecer outros métodos de aprendizagem que proporcionassem sua interação com o meio em que vivem, de modo autossuficiente e consciente, a introdução do projeto de pesquisa *Literatura e Identidade cultural do Sudeste do Pará: Formas de aprender e ensinar nas aulas de Língua portuguesa do ensino Fundamental*, pode colaborar com essa autonomia, fornecendo-lhes elementos norteadores para o seu desenvolvimento intelectual e cultural.

A leitura das obras produzidas na Amazônia - em especial o Sudeste do Pará - com o auxílio das pesquisas biográficas, da interação professor/aluno, da visitação aos lugares citados nos livros e da criação de uma biblioteca virtual e da receptividade dos alunos; culminou com uma proposta de inclusão das referidas obras no currículo escolar do município de Marabá-PA, por acharmos viável e necessária essa incorporação.

Embora obtido um bom aproveitamento do projeto de pesquisa, houve alguns entraves que dificultaram o desempenho do mesmo, como a falta de livros para pesquisa nas bibliotecas escolares, encontrando-os apenas em dois locais - na fundação Casa da Cultura e Biblioteca Municipal de Marabá; também poderia ter havido uma pesquisa mais abrangente quanto as referências bibliográficas que tratam das questões de cultura, identidade e formação da região Sudeste do Pará, mas que devido a limitação de tempo e do momento de pandemia que passamos, não foi possível realizar esse aprofundamento; outra dificuldade encontrada foi quanto a digitalização das obras para a inclusão na biblioteca virtual, que por se tratar de um processo mais complexo, demandaria bastante tempo e um suporte técnico mais apurado.

Para as pesquisas futuras, seria interessante alicerçar-se de teses, artigos e documentos de outros pesquisadores que encontram-se disponíveis em bibliotecas como a da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, assim como em entrevistas com autores locais que tem muito a contribuir com seus relatos de experiência, pois as narrativas orais sempre trazem um maior embasamento daquilo

que está escrito, mas que em virtude da paralisação do ano letivo e das medidas de restrição contra a covid-19, acabaram prejudicando, em parte, a pesquisa de campo.

Assim sendo, a literatura e os conteúdos propostos nas aulas de Língua Portuguesa são recursos relevantes no processo de desenvolvimento dos alunos, sobre aquilo que os cerca. Trata-se ainda de uma maneira eficaz de explorar o material cultural existente nessas localidades, a fim de promover o entendimento e conhecimento acerca de suas principais nuances. Significa portanto de conhecimento para a vida, cujos alunos poderão passar para as gerações futuras, auxiliando inclusive na manutenção cultural daquilo que é produzido por e para os habitantes do Sudeste do Pará.

Quanto aos profissionais de ensino, como mediadores dos saberes, lhes é concedida essa relevante missão de promover o conhecimento e a consolidação das identidades culturais do Sudeste do Pará, através da adoção de conceitos teóricos-metodológicos, para que assim, nossos educandos estejam inseridos de forma íntegra e consciente, no contexto social vivenciado por eles e na sociedade onde se desenvolvem. A cultura deve se fazer presente na escola por ser um elemento norteador no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Um ensaio de abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos. In: _____ (Org.) **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ANDRADE, V. R. de, SANTOS, A. P. dos e TORRES, M. P.(Org.) **Marabá e suas lendas**. Marabá: Gráfica Opinião, 2000.
- ATZINGEN, Noé von. **Vocabulário Regional de Marabá**. Marabá: Fundação Casa da Cultura de Marabá/Projeto Usimar Cultural, 2004
- BARROS, Maria Vitória Martins. **A zona castanheira do Médio Tocantins e Vale do Itacaiúnas: reorganização do espaço sob os efeitos das políticas públicas para a Amazônia**.1992. 96f. Monografia (Graduação em Geografia). CFCH/UFPA, Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 1992.
- BARROS, João Maria. Segunda parte: A colonização; Navegação; Transporte aéreo. In: MARABÁ. Prefeitura Municipal. **A história de uma parte da Amazônia, da gente que nela vivia e da gente que a desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização**. De 1892 até nossos dias. Ademir Braz et. all. Marabá, 1984.
- BERND, Zilá. **Cultura e identidade Nacional**. Ed. UFRGS, 1992.
- BECKER, Berta K. **Amazônia**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1990.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2ª reimpressão. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte Ed. UFMG, 2003.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRANDRÃO, José da Silva. **As origens de Marabá, (1590- 1913)**. (n/d.) V:01. Minas Gerais: Ed: Chromo Arte
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2020 as 20:12 PM.
- BRASIL, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Diário Oficial da União, 20/12/1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental 1998.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In:_____. Variedades de história cultural. Trad. de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67-89.

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.

CARINO, J. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educ. Soc. [online]. 1999, vol.20, n.67, pp. 153-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/> Acesso em 09/03/2020 as 15:30 PM.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: subsídios para a história e a geografia do Brasil. 2ª edição. Imperatriz: Ética, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores y ciudadanos**: conflictos multiculturales de la globalización. Mexico: Editorial Grijalbo, 1995. Disponível em: http://search.4shared.com/postDownload/OOqQANR/consumidores_y_ciudadanos_g_arc.html. Acesso em: 13 abrill. 2019.

_____. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 4ª edição, 2003.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: Revista Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

_____. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro azul, 2006.

_____. **O direito à literatura**. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direitoc3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 10/10/2020.

CASTRO, Edna M. Ramos de e HÉBETTE, Jean. (Org.) **Na trilha dos grandes projetos**: modernização e conflito na Amazônia. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. (Trad.) Campinas, SP: Papius, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. Boitempo, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 9. Ed, São Paulo: Contexto, 2018.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Ltda, 1999.

DA MATTA, Roberto e LARAIA, Roque de Barros. **Índios e castanheiros**: a empresa extrativa e os índios no Médio Tocantins. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. **As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX**. Goiânia: Editora Oriente, 1973.

EMMI, Marília. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais**. Belém: CFCH/NAEA/UFPA, 1987.

_____. A oligarquia da castanha: crise e rearticulação. In: CASTRO, Edna M.Ramos de e HÉBETTE, Jean. (Org.) **Na trilha dos grandes projetos: modernização e conflito na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

FERNANDES, C. S. **Literatura e identidade: a recepção do texto literário na Penitenciária Estadual de Maringá**. 2009. 115 f. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. A constituição de um campo de estudo, 1970-1950. *Dissertação* (Mestrado em História). IFCH-UNICAMP, Campinas, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Quem precisa de identidade** In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

JADÃO, Paulo Bosco Rodrigues. **Marabá: A história de uma parte da Amazônia, da gente que nela vivia e da gente que a desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização**. De 1892 até nossos dias atuais. 1984 (sem editora).

KLEIMAN, A. B. **“O letramento na formação do professor”**. Resumo publicado nos Anais do VII Encontro Nacional da Anpoll Porto Alegre. Goiânia, 1991.

_____; SIGNORINI, I. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. – São Paulo: Editora Cortez, 2014.

LIMA, Josélio Rodrigues. **A Guerrilha do Araguaia (1972-1975):** reflexões sobre as causas políticas e militares da derrota. 1996. Trabalho de conclusão do ciclo básico do curso filosófico/teológico – Instituto de Pastoral Regional/IPAR, Belém, 1996.

LIMA, Wagner de Andrade. **A Importância do Regionalismo na Literatura.** 15 de junho de 2015. Disponível em: <https://horizonteparalelo.net/a-importancia-do-regionalismo-na-literatura.html> Acesso em: 17 de fevereiro de 2020 as 10:23 AM.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p. 29.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e letramento como práticas sociais.** In MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-55.

_____. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.) Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Paraíba, 2010.

MATEUS, Maiza Batista de Oliveira; DUARTE, Elaine Cristina. **A contribuição da literatura para a formação cidadã.** São Paulo: Zahar, 2016.

MATTOS, Maria Virgínia Bastos de. **História de Marabá.** 2 ed. revisada e aumentada. Fundação Casa da Cultura de Marabá, 1996.

MIGNOLLO, Walter D. **Historias locais/Projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOLLICA, M. C. M. **Fala, letramento e inclusão social.** – São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, João Brasil. **Pegadas de um Paraense,** 1 edição, Marabá: Grafecort, 2003.

_____. **O garimpeiro do sul e sudeste paraense,** 2 ed. Marabá: Grafia, 2004.

_____. **Viagem ao Tocantins, Araguaia e Itacaiunas.** Marabá 2003 (sem editora)

_____. **O castanheiro.** 1 edição, Marabá 2001 (sem editora)

OLIVEIRA, Eric de Belém. **Cabelo Seco: no encontro dos rios, encontros de memórias.** Marabá/PA, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

PATERNOSTRO, Júlio. **Viagem ao Tocantins.** 2ª ed. Editora Grafisa – Belém. 1983.

PENALVA, Gilson. **Literatura oral do sudeste paraense:** memórias de velhos camponeses. Faculdade de Letras: Belo Horizonte, 2002.

PEREIRA, Alberto Carlos L. Garimpo e fronteira amazônica: as transformações dos anos 80. In: PHILIPPE LÉNA e OLIVEIRA, Adélia Engracia de (Orgs.) **Amazônia: a fronteira agrícola 20 anos depois**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.

PEREIRA, Tainar de Cássia Santos. **Do pensamento evolucionista à noção do conceito de cultura e aculturação**. In: Serviço Social. UNIFACS, 2012, p. 81-87.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires, CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. D. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)**. Goiânia, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária a prática escolar**. 2018. Anais do Evento PG Letras. 30 Anos, vol. I (1): 514-527. Disponível em: <http://www.pglettras.com.br/Anais30Anos>. Acesso em 8 jan. 2020 as 09:17 AM.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____, Letramento e escolarização. In: Ribeiro, Vera M. (Org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge University Press, 1984.
STREET, B. V. *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge University Press, 1993.

_____. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge University Press, 1993.

_____. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo, SP: Parábola Editorial. 2014.

TAYASSU, Catitu. **Nas trilhas do letramento entre teoria, prática e formação docente**. Campinas, Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

TODOROV, Tzvzetan. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2009.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In:____. **Projetos e Metamorfoses**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 97-105.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. In: Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica>. Acesso em: 10/10/ 2020 as 21:51 PM.

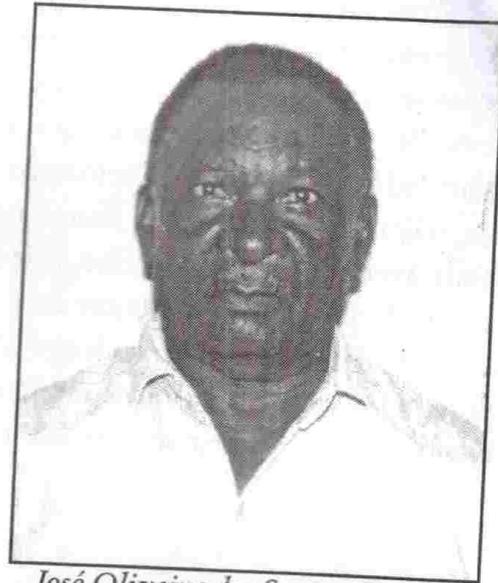
_____, Silva, Ezequiel T. da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ANEXOS

Anexo A – Facadas trocadas não doem

FACADAS TROCADAS NÃO DOEM

No verão de 1959, o policial civil José Oliveira dos Santos, vulgo Zezão, divertia-se cartecendo baralho no interior de um bar na efervescente ilha de Ipixuna quando o chamaram lá fora. O proprietário daquele estabelecimento o informa ser o garimpeiro Anselmo. Zezão apavorou-se e larga o jogo, lamentando estar desarmado, pois sabia que quem o chamava pretendia acertar com ele algo referente à prisão que fizera em Jacundá. Prontamente, o dono do bar entrega-lhe uma faca. De posse daquela arma, saiu ao encontro de seu inimigo Anselmo, que havia premeditado aquela agressão, partindo para cima do policial. Este, de arma em punho, salta pra trás como um gato, mas infelizmente tropeça em um torrão de barro e vai ao chão. Acontece que Zezão, ao cair, segurou firmemente sua arma e de ponta recebeu seu agressor. Simultaneamente, as duas facas de 30 centímetros de lâmina cruzaram-se e penetraram suas caixas torácicas, deixando-os naquele solo arenoso.



José Oliveira dos Santos "Zezão"

O policial foi imediatamente removido para a farmácia do enfermeiro Manoel Airton Limoeiro, Anselmo, que era defunto-sem-choro, alguém lhe deu para beber suco de um pinto triturado em pilão. Eu, em um pequeno barco a motor de popa, viajando à noite inteira, o transportei ao hospital do Sesp em Marabá. Felizmente, todos sobreviveram. Por sinal, este depoimento é do próprio policial.

Anexo B – O povo Suruí

O POVO SURUÍ

Um dos povos aqui encontrados é o Suruí, nome dado pelos brancos, pois eles mesmos se autodenominam *Aikewara*, que significa simplesmente “Nós”. Os Suruí se expressam em um dialeto tupi-guarani.

No século passado, em 1892, esse povo foi visto pelo pesquisador francês Henri Coureaux, próximo à região onde posteriormente seria instalada a cidade de Marabá. Mais tarde, em 1923, um grupo de indígenas Suruí foi avistado nos arredores da cachoeira de Santa Isabel (rio Araguaia), por Frei Antonio Sala.

Nessa época o branco começou a fixar-se na região, passando a ocorrer conflitos com os indígenas. Em certa ocasião, por exemplo, alguns indígenas Suruí, tendo saído para caçar, flecharam animais domésticos criados pelos brancos em uma fazenda. Isso aconteceu porque eles não entendiam que alguém criasse aqueles animais, nem tinham a noção da propriedade particular. Eles não imaginavam que estivessem prejudicando alguém, sendo surpreendidos pela violenta reação dos brancos. Alguns índios foram mortos e os demais se refugiaram no interior da mata.

A busca de castanha fez com que os brancos penetrassem nas matas, atingindo territórios ocupados pelos Suruí, resultando daí novas violências, de parte a parte.

Com tantas agressões, os Suruí tornaram-se arredios, fugindo a qualquer aproximação.

Na década de 1950 o padre marabaense Frei Gil Gomes Leitão, da ordem dos Dominicanos, preocupado com o destino dos indígenas, conseguiu ser aceito pelos Suruí, passando a auxiliá-los e a protegê-los de agressões.

Algumas vezes, aproximações aparentemente inofensivas causavam aos indígenas resultados tão trágicos quanto os ataques e agressões. Em



Crianças Suruí

FOTO: GILSON SOBRINHO

1960, por exemplo, estando Frei Gil ausente da aldeia, ocorreu que um grupo de homens sem escrúpulos aproximou-se dos Suruí, ganhou a confiança deles e convenceu-os a caçar animais selvagens, para lhes fornecer as peles. Com essa atividade, muitos indígenas afastaram-se da vida tribal e dos trabalhos na roça. Além disso, o contato com os brancos provocou um surto de gripe que matou grande parte dos indígenas.

Avisado da tragédia, Frei Gil retornou à aldeia, expulsou os aventureiros e lutou pela sobrevivência e pela restauração da dignidade dos restantes Suruí.

Foi ainda Frei Gil quem conseguiu, através de um decreto presidencial, a interdição da área indígena aos demais moradores da região. Por essa época, fins dos anos 60, a região sofria ocupação acelerada, por parte de pequenos lavradores oriundos de Goiás, Maranhão, Estados do Nordeste e do Leste. Passou a haver maior contato entre indígenas e brancos, com trocas de produtos e pequenos negócios.

Na década de 70 os Suruí foram envolvidos pela movimentação militar, em função da Guerrilha do Araguaia. Quatro índios foram trabalhar como "batedores", ou guias do Exército. A região foi cortada por várias estradas, sendo que uma delas, a OP-2, atravessou o território Suruí no sentido norte-sul.

A população atual dos Suruí é de 180 habitantes, vivendo na Área Indígena Sororó, próximo à Serra das Andorinhas.

Esses indígenas mantêm, hoje, boas relações com os habitantes da região.

O MODO DE VIDA DOS SURUÍ

Cada família tem sua roça, onde cultiva dois tipos de mandioca, dois tipos de milho, arroz, algodão, batata, cará, inhame, cana-de-açúcar e vários tipos de banana. Criam gado e galinhas. Apreciam também a carne de caça, realizando caçadas no período de dezembro a maio, época em que há menos trabalho nas roças. Fazem coleta de frutos da floresta: castanhas, cupuaçu, bacaba, cacau-do-mato, abiu, ingá, babaçu, mamão-do-mato, almescão, pequi. No verão utilizam o açaí. Cultivam limão, lima, laranja, manga, goiaba, maracujá, caju.

A atividade agrícola constitui, hoje, tarefa basicamente masculina. As mulheres participam no plantio da mandioca, mas a confecção da farinha é encargo dos homens.

Anexo C – Férias sem retorno

*Férias sem retorno*

*Raimundo Gomes dos Santos, o **Raimundinho**, adolescente 13 anos estudava na cidade de Conceição do Araguaia Pará. Em 1939, deixa aquela cidade para curtir suas férias com seus pais em Marabá. Uma semana depois de sua chegada, seu pai, Pedro Rosa de Souza, como forma de agradar seu filho, convida-o para ir com ele aos castanhais públicos. l*

Na mata, se empolga e corre para todos os lados à procura daquela deliciosa fruta, o que é natural a qualquer adolescente. Lamentavelmente no auge daquela emoção, um ouriço despenda da altura de aproximadamente 40 metros e atinge de raspão sua cabeça, deixando-o inerte sobre a folhagem.

Mesmo inconsciente, sua mãe o leva de barco à capital do Estado visando salvá-lo da morte. Apesar de Deus tê-lo poupado, ficou paraplégico para sempre. Em Marabá, o Bispo prelado, Dom Sebastião Tomaz, ao visitá-lo, oferece-lhe uma cadeira de rodas e concomitantemente o aconselha, a seguir a profissão de educador.

*Raimundinho atendendo àquele religioso, passou a aceitar sob o teto de palhas de sua residência a criança-da, para ensinar-lhes as primeiras letras, e conseqüentemente a transforma em escola particular, dando-lhe o nome de, **Atanásio Gomes Leitão**. Com o passar do tempo, já de fato Professor, passou a lecionar pela Municipalidade. Com*